ENTREVISTA

A secretária da Economia de Goiás, Cristiane Alkmin Junqueira Schmidt, pretende adicionar "inteligência e visão estratégica" na arrecadação e no gasto estadual e trabalha na formatação final do plano para enfrentar a "herança fiscal" deixada pela gestão anterior, com aperto nos gastos e revisão de incentivos fiscais.

SESI ROBÓTICA

UMA ESCOLA PARA PROFISSÕES QUE AINDA NÃO EXISTEM NO MERCADO

Mala Direta Básica
9912352020/2014-DR/GO
FIEG
Correios

PARA USO DOS CORREIOS
☐ MUDOU-SE ☐ FALECIDO
☐ DESCONHECIDO ☐ AUSENTE
☐ RECUSADA ☐ NÃO PROCURADO
☐ NÃO EXISTE O NÚMERO INDICADO ☐ END. INSUFICIENTE

Goiás Industrial

ANO 67 / Nº 287 / ABRIL 2019

REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS

Uma "farra" para AS GRANDES TRADINGS

HOJE ISENTAS DE IMPOSTOS NA EXPORTAÇÃO, AS TRADINGS DO SETOR DE GRÃOS PODERIAM CONTRIBUIR COM O AJUSTE NAS CONTAS DO ESTADO. PROPOSTO PELA FIEG E DEMAIS ENTIDADES DO SETOR INDUSTRIAL, NOVO REGIME TRIBUTÁRIO AMPLIARIA A ARRECADAÇÃO DE ICMS EM R$ 440,6 MILHÕES POR ANO, APENAS NO CASO DA SOJA.

FINANCIAMENTO

MOBILIZAÇÃO FAZ INDÚSTRIA ELEVAR EM 600% FATIA NO BOLO DO FCO

FIEG SESI SENAI IEL ICQ BRASIL FIEG

INSTITUTO SENAI
DE TECNOLOGIA

MENOS CUSTOS + FATURAMENTO PARA SUA EMPRESA

CONHEÇA NOSSAS SOLUÇÕES:

O Instituto SENAI de Tecnologia tem a qualidade e a confiabilidade de que sua empresa precisa.

ACESSE
www.senaigo.com.br/institutos

SENAI
Iniciativa da FIEG - Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Goiás Industrial
REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS

Nº 287 / ABRIL 2019

CAPA
20 / Hoje isentas de impostos na exportação, as tradings de grão poderiam dar contribuição relevante para o ajuste fiscal perseguido pelo governo do Estado. Um novo modelo tributário sugerido pela Fieg e outras entidades do setor industrial, que segue o sistema aplicado em Mato Grosso do Sul, poderia agregar à arrecadação do ICMS algo como R$ 440,6 milhões por ano.

OPINIÃO

INDÚSTRIA E COMUNICAÇÃO
5 / No artigo ***Para comunicar melhor***, o presidente da Fieg, Sandro Mabel, anuncia uma mudança no perfil da revista ***Goiás Industrial***, mais antiga publicação de economia do Estado. A nova linha editorial, antecipa ele, assumirá um "caráter mais analítico dos fatos que impactam o setor produtivo".

REFORMA DA PREVIDÊNCIA
6 / Presidente em exercício da Confederação Nacional da Indústria (CNI), o empresário goiano Paulo Afonso Ferreira sustenta, em artigo especial para a revista, a necessidade de aprovação da proposta de reforma da Previdência. "Se nada for feito, em breve faltarão recursos para o pagamento dos aposentados", afirma.

TECNOLOGIA E INOVAÇÃO
7 / Diante do desembarque em larga escala de novas tecnologias e do avanço acelerado da indústria global rumo à 4ª Revolução Industrial, o coordenador técnico da Fieg, Nélson Anibal Lesme Orué, especialista em inovação e difusão tecnológica, questiona se o setor está preparado para acompanhar as transformações que estão a caminho. Ele acredita que ainda há tempo de superar barreiras, desde que as mudanças comecem "agora mesmo".

POLÍTICA MONETÁRIA
8 / A despeito da queda recente da taxa básica de juros para 6,5% ao ano, os spreads bancários continuam distanciando-se da taxa Selic, enquanto os juros no mercado de crédito mantêm-se como um ponto fora da curva, comenta a economista da Fieg, Januária Guedes Cordeiro. O Brasil, acrescenta, "tem falhado insistentemente" na redução dos custos do financiamento do capital, alternativa que poderia "dinamizar a atividade e tornar o País mais produtivo".

ENTREVISTA
10 / A economista Cristiane Alkmin Junqueira Schmidt, secretária estadual da Economia, quer adicionar "inteligência e visão estratégica" na arrecadação e nos gastos do setor público estadual. Em entrevista à ***Goiás Industrial***, a secretária defende ainda a redução do tamanho do Estado como forma de reequilibrar as contas públicas.

RUMO À INDÚSTRIA 4.0
9 / O Programa Desenvolvimento da Indústria Goiana – Rumo à Indústria 4.0, a ser desenvolvido em parceria entre as instituições do Sistema Fieg e o Sebrae Goiás até 2020, adota como pilares o fortalecimento das cadeias produtivas e o desenvolvimento do empreendedorismo.

FCO
15 / As federações da indústria e do comércio defendem divisão mais equilibrada do bolo de recursos do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste (FCO) em Goiás. No ano passado, o setor rural concentrou 86,4% das contratações. Mas no primeiro bimestre deste ano, fatia da indústria nas cartas-consultas aprovadas elevou-se para 12% ou sete vezes mais o índice de 1,7% registrado em igual período de 2018.

GESTÃO DA INOVAÇÃO
25 / Com recursos da CNI e do Sebrae e gestão da Fieg, o projeto de gestão da inovação e de processos certificou 62 pequenas e micro indústrias da Região Metropolitana de Goiânia.

ROBÓTICA
28 e **37** / Alunos do Sesi em Goiás não apenas conquistaram vaga no concorridíssimo World Festival, competição internacional na área de robótica, mas estão sendo preparados para atuar em áreas que hoje sequer existem no mercado de trabalho. O IEL Goiás, de seu turno, lança o Ariel, um "funcionário virtual", desenvolvido em parceria com a Drasi Inteligência de Negócios.

HANS DONNER
34 / Designer conhecido popularmente por suas criações na TV, Hans Donner dedicou parte de seu tempo para "desenhar o tempo". O resultado, agora transformado em protótipo, foi a criação de seu já famoso relógio, que deverá chegar ao mercado ainda neste ano, espera Donner.

ALIMENTO CONFIÁVEL
44 / Programa liderado pelo sindicato das indústrias goianas do setor de alimentação certifica uma dúzia de empresas, numa iniciativa destinada a estimular a cultura da qualidade nesta área.

Alex Malheiros

FIEG

SISTEMA FIEG
Federação das Indústrias do Estado de Goiás
Presidente: Sandro Mabel

SESI
Serviço Social da Indústria
Diretor Regional: Sandro Mabel
Superintendente: Paulo Vargas

SENAI
Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
Diretor Regional: Paulo Vargas

IEL
Instituto Euvaldo Lodi
Diretor: Hélio Naves
Superintendente: Humberto Oliveira

ICQ BRASIL
Instituto de Certificação Qualidade Brasil
Diretora: Sônia Rezende (interina)
Superintendente: Almir Blesio (interino)

DIRETORIA DA FIEG (2019-2022)

Presidente: Sandro Mabel

1º Vice Presidente:
André Luiz B. Lins Rocha

2º Vice Presidente: Flávio Santana Rassi

3º Vice Presidente:
Antônio de Sousa Almeida

1º Diretor Secretário:
Célio Eustáquio de Moura

2º Diretor Secretário:
Jerry Alexandre de Oliveira Paula

1º Diretor Financeiro:
Heribaldo Egídio da Silva

2º Diretor Financeiro: José Divino Arruda

Presidente da Fieg Regional Anápolis:
Wilson de Oliveira

Diretores

Alyson José Nogueira
Anastácios Apostolos Dagios
Bruno Franco Beraldi
Domingos Sávio Gomes de Oliveira
Edilson Borges de Sousa
Eduardo Bilemjian Filho
Eliton Rodrigues Fernandes
Elvis Roberson Pinto
Emílio Carlos Bittar
Enoque Pimentel do Nascimento
Gilberto Martins da Costa
Heitor de Oliveira Nato Neto
Hélio Naves
Jair José de Alcântara
Jair Rizzi
Jaques Jamil Silvério
Joaquim Guilherme Barbosa de Souza
José Antônio Vitti
José Luiz Martins Abuli
Laerte Simão
Leandro Luiz Stival Ferreira
Marcelo de Freitas Barbosa
Marcos André Rodrigues de Siqueira
Olavo Martins Barros
Otávio Lage de Siqueira Filho
Robson Peixoto Braga
Sérgio Scodro
Wilson de Oliveira

Conselho fiscal

Joaquim Guilherme Barbosa de Sousa
Roberto Elias Fernandes
Otávio Lage de Siqueira Filho

Conselho de representantes junto à CNI

Sandro Mabel
Paulo Afonso Ferreira

Conselho de Representantes junto à Fieg

Abílio Pereira Soares Júnior
Ailton Aires Mesquita
Alcides Augusto da Fonseca
Alexandre Baldy de Sant'anna Braga
Álvaro Otávio Dantas Maia
Alyson José Nogueira
Anastácios Apostolos Dagios
André Lavor Pagels Barbosa
André Luiz Baptista Lins Rocha
Antônio Alves de Deus
Antônio Benedito dos Santos
Bruno Franco Beraldi Coelho
Carlos Alberto Vieira Soares
Carlos Roberto Viana
Célio Eustáquio de Moura
Daniel Viana
Domingos Sávio G. de Oliveira
Edilson Borges de Sousa
Eduardo Bilemjian Filho
Eliton Rodrigues Fernandes
Elvis Roberson Pinto
Emílio Carlos Bittar
Enoque Pimentel do Nascimento
Eurípedes Felizardo Nunes
Fábio Rassi
Flávio Santana Rassi
Gilberto Martins da Costa
Heitor de Oliveira Nato Neto
Hélio Naves
Heribaldo Egídio
Ian Moreira Silva
Jaime Canedo
Jair José de Alcântara
Jair Rizzi
Jaques Jamil Silvério
Jerônimo David de Sousa
Jerry Alexandre de Oliveira Paula
João Essado
José Antônio Vitti
José Carlos Garrote de Sousa
José Divino Arruda
José Lima Aleixo
José Luiz Martin Abuli
José Nivaldo de Oliveira
Laerte Simão
Leopoldo Moreira Neto
Lúcio Monteiro dos Santos
Luiz Antônio Gonçalves Fidelis
Luiz Gonzaga de Almeida
Luzia de Cássia Alencar Siqueira
Marcelo de Freitas Barbosa
Marcelo José Carneiro
Marcos André R. de Siqueira
Marley Antônio Rocha
Olavo Martins Barros
Osnei Valadão Marques
Otávio Lage de Siqueira Filho
Paulo Lobo de Araújo Júnior
Pedro de Souza Cunha Júnior
Plínio Boechat Lopes
Robson Peixoto Braga
Rodolfo Luiz Xavier Virgílio
Sandro Mabel
Valdenício Rodrigues de Andrade
Wilson de Oliveira

CONSELHOS TEMÁTICOS

Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação
Presidente: Heribaldo Egídio

Conselho Temático de Meio Ambiente
Presidente: Bruno Beraldi

Conselho Temático de Infraestrutura
Presidente: Célio Eustáquio de Moura

Conselho Temático de Relações do Trabalho
Presidente: Eduardo Bilemjian Filho

Conselho Temático de Micro e Pequena Empresa
Presidente: Jaime Canedo

Conselho Temático de Responsabilidade Social
Presidente:
Antônio de Sousa Almeida

Conselho Temático de Agronegócios
Presidente:
Alfredo Luiz Correia

Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais
Presidente: Emílio Bittar

Conselho Temático Fieg Jovem
Presidente: Thais Aparecida Santos

Câmara Setorial de Mineração
Presidente: Wilson Borges

Câmara Setorial da Indústria da Construção
Presidente: Sarkis Nabi Curi

Câmara Setorial de Alimentos e Bebidas (Casa)
Presidente:
André Lavor P. Barbosa

Rede Metrológica
Presidente: Melquiades da Cunha Neto

Comitê da Indústria de Defesa e Segurança de Goiás (Comdefesa)
Presidente: Anastácios Apostolos Dagios

EXPEDIENTE

Goiás Industrial
REVISTA DO SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DE GOIÁS

Direção
José Eduardo de Andrade Neto

Coordenação de jornalismo
Sandra Persijn

Edição
Lauro Veiga Filho e Dehovan Lima

Reportagem
Andelaide Lima, Sérgio Lessa, Daniela Ribeiro e Tatiana Reis

Colaboração
Nelson Anibal Lesme Orué, Januária Guedes Cordeiro, Adriana Moreno

Fotografia
Alex Malheiros

Projeto gráfico
Jorge Del Bianco

Capa, ilustrações e diagramação
Jorge Del Bianco
DC Design Gráfico e Comunicação

Impressão
Gráfica Kelps

Departamento Comercial
(62) 3219-1720

Redação e correspondência
Av. Araguaia, nº 1.544,Ed. Albano Franco, Casa da Indústria - Vila Nova
CEP 74645-070 - Goiânia-GO
Fone (62) 3219-1300 - Fax (62) 3229-2975

Home page: www.sistemafieg.org.br
E-mail: ascom@sistemafieg.org.br

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista

Para comunicar melhor

> **"Assim como a Fieg, a *Goiás Industrial* valoriza a participação, o debate, indispensáveis para a formação de opinião. Nessa fase, a revista impressa inicia processo de mudança de perfil, em busca de nova linha editorial, agora de caráter mais analítico dos fatos que impactam o setor produtivo."**

SANDRO MABEL, presidente da Fieg e dos Conselhos Regionais do Sesi e Senai

Mais antiga publicação na área de economia no Estado, de circulação ininterrupta, com informações e análises de atividades não apenas da indústria mas também de todo o setor produtivo, a **Goiás Industrial** nasceu junto com a Fieg, que comemora neste mês de abril 67 anos de existência.

Quando a revista circulou pela primeira vez, em junho de 1953, como "órgão oficial da Federação das Indústrias do Estado de Goiás", Getúlio Vargas era o presidente da República, Pedro Ludovico Teixeira, o governador de Goiás, e o professor Venerando de Freitas Borges, o prefeito de Goiânia.

Sempre sintonizada com as mudanças do mundo moderno, sobretudo na área da comunicação – uma das razões dessa longevidade –, a revista, publicada bimensalmente, acaba de ganhar a "concorrência" da **Goiás Industrial – Pauta Extra**, versão on-line semanal, que pode ser facilmente acessada, até pela tela do celular, via WhatSap. Para tanto, basta pedir para adicionar o número pelo e-mail ***ascom@sistemafieg.org.br***. Na rede desde fevereiro, o novo veículo de comunicação agregou, em março, o **Espaço 4.0**, um informativo elaborado em parceria entre a Assessoria de Comunicação da Fieg e o Conselho de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (CDTI), destinado a reunir notícias sobre tecnologia e inovação, que cada vez mais dominam os processos produtivos, na esteira da acelerada 4ª Revolução Industrial.

Assim como a Fieg, a **Goiás Industrial** valoriza a participação, o debate, indispensáveis para a formação de opinião. Nessa fase, a revista impressa inicia processo de mudança de perfil, em busca de nova linha editorial, agora de caráter mais analítico dos fatos que impactam o setor produtivo. A estratégia exige a contribuição de todos, no tratamento e na interpretação de informações, bem como na elaboração de artigos de opinião. Portanto, toda ajuda, seja com sugestões ou críticas, será muito bem-vinda!

As mudanças fazem parte de um projeto maior de melhoria da comunicação, cada vez mais importante e decisiva no mundo contemporâneo, com incorporação de modernas ferramentas de transmissão de arquivos multimídia, a exemplo do **FiegCast**, boletim diário dos principais destaques do Sistema Indústria em Goiás, no ar desde fevereiro, com produção inteiramente interna.

Por meio do **FiegCast**, com um click o ouvinte acompanha ações políticas realizadas pela Fieg na busca de melhorias e defesa de interesse do setor produtivo juntos a todas as esferas dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário. Além disso, fica por dentro de projetos, eventos e serviços desenvolvidos pelo Sesi, Senai, IEL e ICQ Brasil, sindicatos das indústrias, conselhos temáticos da Fieg e outras instituições parceiras.

Por meio físico ou virtual, estão todos convocados para o desafio de tornar melhor nossa comunicação!◆

Reformar a Previdência é garantir o futuro do Brasil

"Se nada for feito, em breve faltarão recursos para o pagamento dos aposentados. Toda a sociedade teria de arcar com os custos de elevação da carga tributária e com a falta de verbas para áreas em que a atuação do setor público é fundamental, como saúde, educação, segurança e infraestrutura."

PAULO AFONSO FERREIRA É PRESIDENTE DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI) EM EXERCÍCIO

Jorge Del Blanco

É imprescindível que governo, parlamentares, empresas e demais segmentos da sociedade brasileira se mobilizem para garantir a aprovação da reforma da Previdência Social. A proposta em tramitação no Congresso Nacional é abrangente e vai na direção correta. Corrige as principais distorções do atual sistema e tem como virtude estabelecer que todos – trabalhadores da iniciativa privada, servidores públicos, políticos e militares – darão sua parcela de contribuição para solucionar o problema do crescimento explosivo do déficit previdenciário.

Dados do Tesouro Nacional mostram que o rombo atingiu R$ 288 bilhões em 2018. Para este ano, a previsão é de que, mantidas as regras de concessão de aposentadorias e pensões, o resultado negativo alcance R$ 309,4 bilhões. O rápido agravamento das contas comprova que o modelo em vigor tornou-se insustentável diante das mudanças demográficas pelas quais estamos passando. O Brasil não pode mais adiar a reforma.

A expectativa de vida aumentou com a melhora das condições de vida da população – o número de brasileiros com idade superior a 65 anos triplicou nas últimas cinco décadas. A Previdência deve acompanhar esse fenômeno. Se nada for feito, em breve faltarão recursos para o pagamento dos aposentados. Toda a sociedade teria de arcar com os custos de elevação da carga tributária e com a falta de verbas para áreas em que a atuação do setor público é fundamental, como saúde, educação, segurança e infraestrutura.

Por isso, é hora de suplantar divergências e buscar o consenso para garantir o futuro do País. A aprovação da reforma da Previdência é um passo decisivo para o Brasil combater privilégios, superar antigas deficiências e voltar a crescer de forma sustentada. A economia de mais de R$ 1 trilhão em dez anos, prevista na proposta, garantirá que todos recebam suas aposentadorias e que existam recursos para melhorar a qualidade dos serviços públicos.

A modernização das regras de concessão dos benefícios vai assegurar o equilíbrio duradouro das contas públicas, facilitar o controle da inflação e abrir caminho para novos cortes da taxa de juros. Essas são condições indispensáveis para aumentar a confiança no País, estimular investimentos e elevar o ritmo de crescimento da economia, com a consequente criação de mais e melhores empregos. O Brasil não pode mais esperar. ◆

Uma revolução atrás de outra. Podemos acompanhar?

"Na última década, o desenvolvimento de um conjunto de novas tecnologias vem aumentando o potencial de transformações profundas nos processos de produção, nas formas de gestão e nas características de bens e serviços. O impacto é transversal, atingindo todas as atividades econômicas, a indústria, a agricultura e os serviços. Não dá mais para ignorar a 4ª Revolução Industrial, a indústria 4.0."

NELSON ANIBAL LESME ORUÉ, coordenador técnico da Fieg e especialista em Inovação e Difusão Tecnológica

Os relatórios mundiais sobre o desenvolvimento de novas tecnologias alertam para a adoção e os efeitos que têm gerado no mundo, em especial a Inteligência Artificial (IA). Mas também são avaliadas outras tecnologias em difusão, como impressoras 3D, blockchain, nanotecnologia e novos materiais. Alister Nolan (2018), em seu estudo, enfatiza as aplicações dessas tecnologias na produção industrial e ressalta as implicações de políticas públicas específicas para seu avanço e emprego. Segundo ele, dois aspectos são fundamentais no desenho de estratégias nacionais para o futuro:

Como ampliar o acesso à computação de alto desempenho, cuja demanda será crescente com a nova revolução industrial.

Como os governos podem apoiar a pesquisa em IA e computação avançada.

Com o desenvolvimento de deep learning (aprendizagem profunda) – defende Nolan –, a IA pode ser aplicada à maioria das atividades industriais, do aperfeiçoamento de sistemas multimáquinas à pesquisa industrial e encurta radicalmente o tempo necessário para a descoberta de novos materiais industriais e o desenvolvimento de novos produtos. Em logística, ela torna possível o gerenciamento em tempo real, reduzindo significativamente os custos e a recuperação de informação e dados e, em combinação com outras tecnologias, melhora o treinamento dos trabalhadores.

Mas o desenvolvimento e a difusão da IA na indústria de transformação dependem também de políticas públicas de grande impacto, de regulamentações, de incentivos e de recursos reembolsáveis e não reembolsáveis para fomento, especialmente para as pequenas indústrias. É preciso facilitar, com mais rapidez, o uso das tecnologias aqui mencionadas, como a regulamentação da privacidade dos dados, as regras de transparência e responsabilização algorítmica, as políticas de apoio à pesquisa; as regras de propriedade intelectual e de parcerias entre empresas e universidades.

O apoio à pesquisa básica em universidades e centros de pesquisa é extremamente importante para o desenvolvimento da ciência, mas não podemos esquecer que a melhoria da competitividade de nossas empresas passa necessariamente pelo uso desse conhecimento na inovação de processos, de produtos, serviços e gestão. Igualmente, é preciso apoiar startups de IA para que tenham acesso a laboratórios e conhecimentos técnicos necessários para a aplicação comercial de suas ideias e regulamentar essa tecnologia, cujos impactos ainda não são bem compreendidos, para que não se restrinja a inovações e sua difusão.

A sua utilização tem o potencial não somente de aumentar a produtividade das empresas, como também de viabilizar novas descobertas que respondam aos vários desafios globais da sociedade contemporânea, desde a mudança climática à resistência crescente aos antibióticos. O desenvolvimento e a adoção de novas tecnologias de produção são considerados essenciais para elevar os padrões de vida e reverter o declínio na produtividade do trabalho observado nas últimas décadas em vários países.

Estamos preparados para acompanhar as transformações? Em curto prazo, a resposta já é conhecida: não!

O lado positivo é conhecermos os problemas de nosso atraso, tanto em políticas públicas como no ambiente ou ecossistemas que estimulem a inovação e o desenvolvimento e o uso dessas novas tecnologias. Portanto, é possível, sim, superar essas enormes barreiras, mas não temos tempo a perder, é preciso começar agora mesmo.◆

Vamos falar de juros: financiamento segue fora da curva

Jorge Del Bianco

"O Brasil tem falhado insistentemente ao não corrigir o erro que leva o custo do financiamento do capital para fora da curva, quando comparado com outras economias. Esse deveria ser o caminho para dinamizar a atividade e tornar o País mais produtivo."

JANUÁRIA GUEDES CORDEIRO, economista da Fieg

Por volta dos anos 2000, eliminado o problema hiperinflação, os governos iniciaram a agenda de reformas microeconômicas, a exemplo da regulamentação do crédito consignado e do cadastro positivo, com o objetivo de favorecer e baratear o crédito. Porém, os resultados ainda não foram satisfatórios. No campo da política econômica, as sucessivas reduções na taxa Selic iniciadas em outubro de 2016 levaram a taxa básica de juros da economia ao seu menor patamar histórico, 6,5%a.a. Mas esse artifício também não gerou efeitos expressivos no mercado financeiro.

O spread bancário – diferença entre o que o banco paga para captar o recurso e o quanto ele cobra para emprestar o mesmo dinheiro –, segue distanciando-se da Selic. Analisando os 18 meses entre julho de 2017 e dezembro de 2018, vê-se uma queda de quase 30% na taxa básica da economia, enquanto o spread médio caiu apenas 20%, mantendo-se consideravelmente acima da Selic. Ao final de 2018, a taxa básica estava em 6,5%a.a., enquanto o spread bancário médio chegava aos 17%a.a., ou seja, quase três vezes superior à Selic.

Quanto às operações de crédito com recursos livres, a taxa de juros chega a 14,72% a.a. para pessoa jurídica. No mesmo período, a Selic ficou em menos da metade desse valor, 6,5%, assim como a TLP (Taxa de Longo Prazo), em 6,98%. Uma diferença considerável, ainda mais no momento em que a produção industrial necessita de estímulo para conseguir alavancar.

Segue ainda mais alta a taxa de juros cobrada no cheque especial para pessoa jurídica, que subiu em 2018 para 336,87% a.a., mais que o dobro do que era praticado em 2012. Quanto ao cartão de crédito, as taxas cobradas continuam elevadas, 42,14% ao ano, queda muito pequena comparada com seis anos atrás (44,86%).

O que se percebe diante disso é que a situação atual da economia brasileira não condiz com o comportamento das instituições financeiras. Enquanto grande parte das indústrias viu seus números reduzirem nos últimos anos, a receita acumulada em 2018 dos quatro maiores bancos que atuam no País ultrapassa R$ 108 bilhões. Com relação a 2017, o aumento na receita foi de 6,83%, acima da inflação do período, de 3,75%.

Demonstrando preocupação com essa questão, a Febraban (Federação Brasileira de Bancos) lançou, ao final de 2018, livro com uma série de sugestões de medidas técnico-regulatórias necessárias para o barateamento do crédito e redução dos spreads bancários, concluindo que é necessário diminuir os custos da intermediação financeira e ampliar a concorrência no setor bancário. Se isso seria suficiente, não se sabe, mas pode-se dizer, com certeza, que para impulsionar o PIB e consolidar o crescimento econômico, o governo precisará perseverar nas reformas que tornem a oferta de crédito mais ampla e barata.

O Brasil tem falhado insistentemente ao não corrigir o erro que leva o custo do financiamento do capital para fora da curva, quando comparado com outras economias. Esse deveria ser o caminho para dinamizar a atividade e tornar o País mais produtivo.◆

PARA FECHAR O GAP DE COMPETITIVIDADE

Dehovan Lima
Foto: Alex Malheiros

Fortalecer as cadeias produtivas e desenvolver o empreendedorismo. Esses são os pilares do Programa Desenvolvimento da Indústria Goiana – Rumo à Indústria 4.0, guarda-chuva de amplo conjunto de ações nas áreas de tecnologia e inovação, educação, qualificação profissional, empreendedorismo, comércio exterior, geração de negócios, entre outras, a serem realizadas, por meio de parceria, pelas instituições do Sistema Fieg e pelo Sebrae Goiás até o ano 2020.

A proposta foi discutida em encontro, na Casa da Indústria, dia 27 de março, com presença do presidente da Fieg, Sandro Mabel, do vice André Rocha, do ex-presidente da federação, Pedro Alves de Oliveira, do diretor regional do Senai e superintendente do Sesi, Paulo Vargas, do superintendente do IEL, Humberto Oliveira, e outros executivos das instituições. Pelo Sebrae, participaram o diretor superintendente, Leonardo Guedes, os diretores técnico, Wanderson Portugal, e administrativo financeiro Igor Montenegro.

O programa contempla todas as cadeias produtivas do Estado, elencando 12 segmentos da indústria goiana e 4 setores potenciais.

Apresentado pelo diretor administrativo financeiro do Sebrae, Igor Montenegro, o programa de desenvolvimento aponta quatro grandes desafios para a indústria goiana para fechar o gap de competitividade. São eles o processo de esvaziamento da produção local de várias cadeias produtivas, a lentidão do processo de progressão tecnológica do parque produtivo, a limitação para a entrada em mercados de alto valor agregado e a carência de infraestrutura física e humana e baixo volume de investimentos.

Igor Montenegro, diretor administrativo financeiro do Sebrae Goiás: desafios para a indústria goiana

Se há dificuldades, a indústria goiana vislumbra oportunidades, apontadas no programa de desenvolvimento, como aumento da produtividade e da competitividade; inovação tecnológica; melhoria do acesso a mercados internos e aumento das exportações; expansão e modernização da base produtiva; melhoria da gestão dos negócios; redução da taxa de mortalidade dos negócios; melhoria das empresas fornecedoras; melhoria da capacitação profissional; e crescimento do trabalho e da renda e redução das desigualdades. ◆

Medidas da INSEGURANÇA

Criada na atual gestão, a Secretaria de Economia do Estado de Goiás pretende incorporar "inteligência e visão estratégica de médio e longo prazo" na arrecadação e especialmente no gasto público estadual, na definição da economista Cristiane Alkmin Junqueira Schmidt, titular da pasta. A secretaria agora avança na formatação do plano para enfrentar a "herança fiscal" recebida da gestão tucana, sustentado em cinco pontos principais. O projeto contempla um programa de expansão das receitas fiscais, que deverá incluir a revisão de incentivos fiscais com relação custo-benefício desfavorável e uma avaliação mais aprofundada dos impactos dos programas Fomentar e Produzir; a reestruturação da dívida estadual; uma reforma do Regime Próprio de Previdência Social (RPPS) dos servidores estaduais; além de projetos para a promoção da eficiência administrativa da máquina estadual e de melhoria da governança e gestão das empresas estatais.

"Certamente vamos ter de manter alguns (incentivos), mas imagino que existam gorduras nessa área e teremos de trabalhar juntos (referindo-se a parlamentares e líderes empresariais) para eliminar isso", disse Cristiane durante apresentação à diretoria da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), no dia 28 de fevereiro. A secretaria pretende realizar um estudo mais aprofundado para estabelecer a relação custo-benefício de cada programa, incluindo os programas sociais do governo, antes de apontar alvos. "O pedido que faço aos empresários é para que trabalhemos em parceria", sustentou Cristiane, para definir o que poderá ser enxugado.

Numa defesa da política adotada até o momento pelo governo do Estado, Sandro Mabel, presidente da Fieg, lembrou que as indústrias "vieram para Goiás e cresceram com essa visão do incentivo", que contribui para dar condições de competição no mercado, equiparando custos com concorrentes de outros Estados, e não se transforma em lucro para o setor. "Nossa tese continua sendo a de que é melhor arrecadar 30% de alguma coisa do que 100% de nada", afirmou.

Numa linha semelhante, André Rocha, primeiro vice-presidente da federação e presidente executivo dos sindicatos das indústrias de etanol e açúcar em Goiás (Sifaeg/Sifaçúcar), lembrou que os incentivos ajudaram a promover uma grande transformação na economia e diversificação do parque industrial em Goiás nas últimas três décadas, com avanços para os setores extrativo mineral forte, construção civil, cerâmica, metalurgia, móveis, panificação, agroindústria e da indústria de moda, além da consolidação em Goiás do segundo maior polo farmacêutico do País.

"As declarações da secretária causam preocupação, na medida em que não se percebe um reconhecimento da real importância dos incentivos", comentou o presidente do Conselho Temático de Infraestrutura da ▶

“TEMOS DE TRABALHAR, NO FUNDO, PARA 6,8 MILHÕES DE GOIANOS E NÃO APENAS PARA UM GRUPO REDUZIDO DE PESSOAS”

Fotos: Alex Malheiros

Fieg (Coinfra) e primeiro diretor secretário da federação, Célio Eustáquio de Moura. "O governo deveria ser o indutor do desenvolvimento e não pode estimular a desindustrialização do Estado", acrescentou ele.

Domingos Sávio Gomes de Oliveira, diretor da Fieg e presidente do Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e Distrito Federal (Sieeg), também contestou a proposta de redução dos incentivos, acentuando que essa política não tem favorecido a verticalização do setor mineral em Goiás. "Excessos, se ocorreram, foram principalmente no setor do comércio", declarou. Segundo ele, o momento seria de enxugamento da máquina estadual.

"Estamos tentando desenhar um pacote de ajuda emergencial da União para o Estado de forma a assegurar alguma melhoria no fluxo de caixa", disse Cristiane. O tamanho desse pacote ainda não está definido, mas a ideia é que a União possa liberar seu aval para que o Estado consiga reestruturar sua dívida bancária, com redução de juros e alongamento de prazos para pagamento, além de contratar novas operações de crédito no mercado para financiar sua modernização institucional. A dívida estadual com instituições do sistema financeiro federal somava, em dezembro passado, alguma coisa em torno de R$ 9,71 bilhões, respondendo por praticamente 49,5% da dívida consolidada líquida do Estado.

Goiás Industrial – Quais são as principais medidas que deverão integrar o pacote de ajuste fiscal em negociação com o governo federal?

Cristiane Alkmin Junqueira Schmidt – Na verdade, já começamos a colocar o ajuste em andamento. Fizemos um decreto de corte de 25% em nossos contratos, fizemos alguns ajustes inclusive no número de funcionários comissionados, com decretos já colocados para que toda a sociedade possa vê-los. Mas também tem outras várias coisas que vamos fazer, como a reforma da Previdência, que vai mudar a trajetória dos déficits previdenciários, que chegaram em 2018 a R$ 2,5 bilhões. Vamos agora colocar no papel tudo o que pretendemos fazer de economia ao longo dos quatro anos de mandato. Vou dar um exemplo. Se decido sair de um edifício que estou alugando porque o aluguel é caro e quero tirar as pessoas de lá e colocar em outro prédio com aluguel mais baixo, o que acontece? No médio e longo prazo, vamos ter uma economia. Mas, neste momento, teremos um gasto porque teremos de rescindir contrato, fazer algumas obras no novo endereço para poder comportar novas pessoas e a estrutura da secretaria. Isso tudo é o que o governo federal quer saber para poder me adiantar (recursos) com base numa futura economia que vou te. A ideia toda desse pacote, que o governo federal está se propondo a desenhar – e ele ainda não disse que vamos ter, mas é isso que estamos tentando mostrar –, é que precisamos de uma ajuda no curto prazo para dar um fôlego ao Estado. Atualmente, nosso caixa serve para pagar funcionário e dívida. Ponto. O que queremos é ter uma margem pequena para podermos trabalhar, porque estamos sem dinheiro para trabalhar, incluindo todos os secretários de Estado. E além disso, de fazer políticas públicas, de podermos ajudar aqueles mais necessitados, aqueles desempregados, que estão aí mais de dois, três, quatro, cinco meses, e até um, dois anos sem ter o seu emprego, sem acesso à renda. Temos de trabalhar, no fundo, para 6,8 milhões de goianos e não apenas para um grupo reduzido de pessoas.

"QUEREMOS SENTAR JUNTOS, TAMBÉM COM A INDÚSTRIA, TAMBÉM COM O COMÉRCIO, PARA VER O QUE FAZER. NÓS TEMOS QUASE R$ 8,0 BILHÕES DE RENÚNCIAS FISCAIS. TEM MARGEM DE GORDURA AQUI? SERÁ QUE PODEMOS SENTAR E ANALISAR MELHOR E VER ONDE A GENTE PODE DAR UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTADO EM RELAÇÃO ÀS RENÚNCIAS? ONDE PODEREMOS CORTAR?"

Goiás Industrial – O governo pensa em medidas no lado das receitas, como se tem especulado, incluindo aumento de impostos sobre o agronegócio?

Cristiane – Ainda não olhamos isso. Em nossas conversas com os empresários, pôde ficar claro que queremos sentar juntos, também com a indústria, também com o comércio, para ver o que fazer. Nós temos quase R$ 8,0 bilhões de renúncias fiscais. Tem margem de gordura aqui? Será que

podemos sentar e analisar melhor e ver onde a gente pode dar uma contribuição para o Estado em relação às renúncias? Onde poderemos cortar? Então, isso tudo tem de ser desenhado com todo mundo, com toda a sociedade. Acho que, na atual situação, se não nos juntarmos para sair dessa crise não vamos a lugar nenhum. Tivemos recentemente uma excelente reunião com a AGM (Associação Goiana dos Municípios), com seu presidente, Paulo Sérgio de Rezende (prefeito de Hidrolândia), e outros prefeitos. A ideia de juntar com os municípios está sendo pensada com o objetivo de começarmos uma relação boa em que a gente precisa se ajudar. Os municípios estão tão fragilizados quanto o Estado na questão da situação fiscal. Isso quer dizer que os prefeitos que são eleitos também não conseguem fazer suas políticas públicas. Vejam a frustração de um prefeito e de um governador, que é eleito pelo povo e que não consegue fazer políticas públicas para esse povo. É muito lamentável e frustrante. Queremos recuperar essa situação fiscal, recuperar um pouco essa margem para poder ajudar a todos.

"ATUALMENTE, NOSSO CAIXA SERVE PARA PAGAR FUNCIONÁRIO E DÍVIDA. PONTO. O QUE QUEREMOS É TER UMA MARGEM PEQUENA PARA PODERMOS TRABALHAR, PORQUE ESTAMOS SEM DINHEIRO PARA TRABALHAR"

Goiás Industrial – Haverá corte de incentivos?

Cristiane – Até agora não está decidido. Vamos estudar isso tudo e estamos fazendo agora as medidas mais emergenciais para então a gente sentar e fazer alguns estudos, porque esse tipo de medida não pode ser tomada sem estudos.

Goiás Industrial – Até quando esse plano de ajuste deve ser apresentado?

Cristiane – Tudo ainda está em negociação. A equipe econômica do ministro (da Economia, Paulo Guedes) ainda está criando pacote e definindo o que os Estados precisarão fazer, especialmente os Estados que estão com capacidade de pagamento, chamada Capag, "C" e "D", que é quando não podem ter o aval da União para contratar operações de crédito. Vale lembrar que não é um empréstimo da União. Será um empréstimo do setor financeiro privado que vai ter o aval da União, que também está quebrada. Não adianta a gente achar que virá alguma solução mágica da União. Não virá. A União está tão quebrada quanto seus Estados, que estão tão quebrados quanto seus municípios. Novamente, o que temos de fazer é dar as mãos e mostrar para a União que ela pode emitir dívida, mas os Estados não podem e precisam de uma ajuda de curto prazo. Teremos de fazer nosso dever de casa. Sabemos que a União também não tem essa capacidade de pagamento. Mas o que é a União? Somos todos nós. A sociedade toda precisa entender a gravidade do problema, não importa o partido político, e que precisamos estar juntos para sair dessa crise fiscal. Goiás nunca foi terra arrasada. Não foi e não será. Estamos em uma situação fiscal calamitosa e vamos sair disso sim. Só que com mais custo ou menos custo. Se não tivermos essa ajuda federal, se a União não emprestar seu nome para podermos tomar recursos no setor privado – porque temos capacidade de pagamento "C" e indo para "D" –, então vai ficar mais doloroso. Sem o aval da União e sem capacidade de pagamento, minha taxa de juros acaba indo para o inferno. É como se estivéssemos entrando no cheque especial. Hoje você tem o dinheiro na mão, mas amanhã você estará completamente quebrado (em função dos custos mais altos de uma operação sem aval federal). E queremos fazer algo para Goiás sempre pensando no longo prazo, para os 6,8 milhões de goianos.

Goiás Industrial – A secretaria já tem um diagnóstico da situação fiscal do Estado?

Cristiane – Temos dois problemas estruturais sérios. O primeiro é a folha de pessoal. Oitenta e três por cento da receita que o Tesouro arrecada, quer dizer, aquele dinheiro que o governador tem para fazer política pública, para fazer alguma coisa, 83% são destinados à folha de funcionários inativos e ativos. São dois problemas que temos para serem resolvidos: vamos ter de resolver o déficit previdenciário e a questão dos gastos com o pessoal ativo. No que diz respeito ao pessoal inativo, é onde estamos focando agora porque o crescimento desse déficit é exponencial. Esse é o problema mais importante para resolvermos neste momento. Pode-se perguntar: mas não vai ter uma reforma da Previdência proposta pelo governo federal e isso não vai respingar nos Estados? Sim é verdade, mas existem leis que precisaremos aprovar aqui. E será a Assembleia que fará as escolhas pensando nos 6,8 milhões de goianos. Cabe a mim, que sou uma pessoa técnica, mostrar para a Assembleia, para os empresários, para os consumidores, para a sociedade qual é a verdadeira situação sob o ponto de vista estritamente técnico. O que vai ser feito será decidido pela Assembleia Legislativa de Goiás, mas eu preciso mostrar ▶

o cenário a todos. O professor Paulo Tafner (economista do Instituto Millenium e especialista em Previdência) já está sendo contratado para justamente fazer um diagnóstico e daqui três ou quatro meses teremos isso pronto e, se Deus quiser, estarei na Assembleia fazendo a apresentação desse trabalho. Quero ser convidada sim para ir lá e poder apresentar a todos da sociedade qual é o diagnóstico da situação previdenciária para tirarmos Goiás do buraco no longo prazo.◆

"A SOCIEDADE TODA PRECISA ENTENDER A GRAVIDADE DO PROBLEMA, NÃO IMPORTA O PARTIDO POLÍTICO, E QUE PRECISAMOS ESTAR JUNTOS PARA SAIR DESSA CRISE FISCAL. GOIÁS NUNCA FOI TERRA ARRASADA. NÃO FOI E NÃO SERÁ. ESTAMOS EM UMA SITUAÇÃO FISCAL CALAMITOSA E VAMOS SAIR DISSO SIM"

CONTRAPONTO

TERRORISMO FISCAL E DESINDUSTRIALIZAÇÃO

Apesar do tom ameno e da cordialidade que marcaram o encontro na Casa da Indústria, bem como do aceno para negociação, empresários e lideranças do setor produtivo saíram preocupados com o retrato da "herança fiscal" desenhado pela secretaria de Economia, Cristiane Alkmin Junqueira Schmidt, e mais ainda com o anúncio de revisão de incentivos fiscais e uma avaliação mais aprofundada dos impactos dos programas Fomentar e Produzir.

Depois de citar diversos segmentos industriais que prosperaram no Estado na esteira da concessão de incentivos, o presidente da Fieg, Sandro Mabel, considerou equivocada a atual postura do governo estadual de romper o acordado com as indústrias que se instalaram no Estado. "Nós vamos perder o bonde da história, perder o novo ciclo de crescimento que o Brasil vai ter e não vai acontecer em Goiás", afirmou Sandro Mabel. "Fomos atrás de uma indústria que estava certa para vir para Goiás e de repente eles acharam que Mato Grosso do Sul tinha mais segurança jurídica do que aqui. E indústria grande", acrescentou.

Diante de alterações recentes na legislação dos incentivos fiscais e na taxação do ICMS, especificamente na indústria de alimentos, no último caso, e da criação de CPIs na Assembleia para investigar a privatização da Celg e toda a política de incentivos fiscais, Sandro Mabel advertiu que "toda a classe política" precisa "criar juízo nessa hora". Ele observou que "empresário não tem pátria" e pode mudar-se a qualquer momento para outras regiões que ofereçam segurança e melhores condições para investir. "A empresa instalada aqui está a 180 KM do Distrito Federal e a 200 KM de Minas Gerais. Ela vai para o Estado que der mais condições. Então nós temos de ter cuidado. Temos de criar condições para atrair novos empreendimentos. Esse é o programa que tem que ser feito, senão quem tem filho pode mudar o filho de Estado porque aqui não vai ter emprego no médio e longo prazo."

Posteriormente, em reunião do Conselho Deliberativo do Fomentar/Produzir, no Palácio Pedro Ludovico Teixeira, Sandro Mabel elevou o tom ao reiterar críticas à criação, pela Assembleia Legislativa, das CPIs dos incentivos fiscais e da Enel, e ao posicionamento adotado pelo governo estadual sobre a questão.

"É um terrorismo o que está sendo feito e já estamos perdendo grandes indústrias para o Distrito Federal, Mato Grosso e Minas", disse. "Se não tivermos uma política de incentivo que mostre que Goiás quer as indústrias, vamos fazer parte da história da desindustrialização do Estado", acrescentou, sob aplausos de empresários que acompanhavam a reunião.

Ao questionar o objetivo da CPI da Enel, Sandro Mabel conclamou os parlamentares goianos a rever o posicionamento. "Nós vamos reestatizar? Tem plano B? Não, não tem! Então isso não é jeito de tratar o Estado", observou, alertando que as consequências serão danosas à população goiana e que Goiás corre o risco de perder o novo ciclo de crescimento do País, devido à insegurança jurídica generalizada instalada no Estado, afugentando a instalação de novas indústrias.

Em meio a tudo isso, o empresário industrial manifesta menor otimismo com os negócios, como constatam os resultados de março do ICEI, o Índice de Confiança do Empresário Industrial Goiano, que fechou com 60,9 pontos, exatamente 2,6 pontos a menos que em fevereiro. Pelo terceiro mês consecutivo, Goiás fica abaixo do índice nacional, o que reflete também a insegurança jurídica criada no Estado diante da ameaça aos incentivos fiscais e de quebra de contrato com a Enel. ◆

(*Dehovan Lima*)

Tatiana Reis

Reunião da Câmara Deliberativa do FCO no final de março: fatia da indústria no bolo do fundo de financiamento avança para quase 12% no primeiro bimestre deste ano

FATIA DA INDÚSTRIA NO FCO CRESCE SETE VEZES

Participação do setor industrial saltou de 1,7% para 12% na aprovação de cartas-consultas no fundo de financiamento na comparação entre primeiro bimestre de 2018 e igual período deste ano

Tatiana Reis, Lauro Veiga Filho e Dehovan Lima

Alvo de reiteradas queixas do presidente da Fieg, Sandro Mabel, quanto à burocratização na aprovação de projetos que contemplem a área empresarial, a participação da indústria na liberação de recursos do FCO, o Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste, teve incremento superior a 600% no primeiro bimestre de 2019 na aprovação de cartas-consultas, que saltou de 1,7% para 12%, segundo balanço apresentado pelo Banco do Brasil, operador do fundo. A evolução foi demonstrada na última reunião da Câmara Deliberativa do FCO, dia 28 de março, no Palácio Pedro Ludovico Teixeira, do governo do Estado, quando foram aprovados mais de R$ 53 milhões para cartas-consultas nas áreas empresarial e rural, que deverão gerar 482 empregos diretos em 15 municípios goianos.

Os recursos na carteira do FCO Empresarial foram destinados para projetos industriais, com perspectiva de gerar mais de 1.100 postos de trabalho.

Sandro Mabel observou que a Fieg já iniciou intenso acompanhamento para ampliar ainda mais a participação da indústria nas aprovações do fundo e também em projetos que fomentem a industrialização e a geração de empregos no Estado, aproveitando as vocações econômicas de Goiás. "A Fieg está trabalhando em três eixos: industrialização de grãos, desenvolvimento do segmento de moda e mineração. Entendemos que, dessa forma, potencializaremos as vocações de nosso Estado, gerando mais emprego, renda e arrecadação de impostos. Um exemplo claro é a indústria da moda: para cada R$ 20 mil que custa uma máquina de costura, geramos um emprego", afirmou.

A baixa participação do setor industrial ▶

na divisão dos recursos desembolsados em Goiás pelo FCO no ano passado e a redução experimentada pelos segmentos de comércio e serviços haviam motivado mobilização daqueles setores em busca de mudanças nos critérios adotados pelo Banco do Brasil na contratação de operações fora do setor rural, que recebeu 86,4% de todos os recursos destinados ao Estado em 2018. Num contraponto ao desempenho do crédito para o campo, a fatia da indústria no bolo de recursos do fundo despencou de 6,7% em 2017 para apenas 1,8% no ano seguinte. Os valores contratados pelo setor desabaram nada menos do que 73,26% na mesma comparação, saindo de R$ 209,944 milhões para R$ 56,139 milhões.

Na definição do orçamento de 2019, as dotações para o FCO sofreram corte de 27,6% e acumulam perdas de 30,8% desde 2017 – em valores nominais, caíram de R$ 10,167 bilhões em 2017 para R$ 9,705 bilhões no ano passado e encolheram para R$ 7,032 bilhões na previsão para 2019. Em Goiás, o corte foi mais severo na passagem de 2018 para 2019, já que o orçamento do FCO para o Estado foi reduzido de pouco menos de R$ 3,30 bilhões para R$ 2,320 bilhões, em queda de 29,7%. Na comparação com 2017, quando foram previstos R$ 2,949 bilhões, em números aproximados, a redução foi de 21,3%.

Sandro Mabel tem defendido mudanças nos critérios adotados pelo BB, gestor dos recursos do FCO, na alocação dos financiamentos reservados ao Estado, de forma a estimular maiores níveis de industrialização, agregar valor à produção local, gerando mais empregos e renda. A mudança recente na direção da Fieg e Fecomércio levou ao aprofundamento nas discussões sobre o papel institucional das entidades empresariais, afirma o presidente da Fecomércio, Marcelo Baiocchi.

FOCO NA GERAÇÃO DE EMPREGOS

Na visão do secretário de Indústria e Comércio, Wilder Morais, que manifestou seu apoio à estratégia da Fieg durante a reunião do conselho, o FCO deve favorecer principalmente projetos que proporcionem maior geração de emprego e renda para o Estado. "Os recursos do fundo são limitados e, como queremos desenvolver Goiás, não podemos fazer alocações de recursos em projetos que não tenham como foco a regionalização do desenvolvimento e a geração de empregos", observou.

O secretário Adriano da Rocha Lima, do Desenvolvimento Econômico e Inovação, destacou que é fundamental a análise de projetos do FCO sob o ponto de vista da inovação. "É preciso avaliar o retorno para Goiás de cada real aplicado. Quanto mais inovador for o projeto, mais possibilidades e potencial têm de voltar para o Estado", disse.

Na programação para este ano, as áreas empresarial (que inclui a indústria, o comércio, o setor de serviços, turismo e infraestrutura) e rural deverão dividir os recursos do FCO meio a meio, cabendo a cada um R$ 1,160 bilhão.

PROGRAMAÇÃO PARA 2019

(Previsão orçamentária para 2019 do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste traz corte de 27,5% nos recursos, valores em R$ milhões)

Unidade da Federação / Setor	Distrito Federal	Goiás	Mato Grosso do Sul	Mato Grosso	Centro-Oeste
Empresarial	351,58	1.160,2	843,80	1.160,2	3.515,8
Rural	351,58	1.160,2	843,80	1.160,2	3.515,8
Total	703,17	2.320,4	1.687,6	2.320,4	7.031,6

Fonte: Ministério da Integração Nacional/Secretaria de Fundos Regionais e Incentivos Fiscais

CONCENTRAÇÃO

(Contratações realizadas em Goiás com recursos do FCO, valores em R$ milhões)

Período	2017	2018	Variação (%)
Goiás/total	3.148,7	3.125,5	-0,74
Rural	2.471,9	2.701,3	+9,28
Participação	78,5%	86,4%	-
Industrial	209,944	56,139	-73,26
Participação	6,7%	1,8%	-
Turismo	27,348	7,334	-73,18
Participação	0,9%	0,2%	-
Infraestrutura	16,758	82,677	+393,4
Participação	0,5%	2,6%	-
Comércio e serviços	422,732	278,042	-34,23
Participação	13,4%	8,9%	-

Fonte: Ministério da Integração Nacional/Secretaria de Fundos Regionais e Incentivos Fiscais

"O ideal seria que fossem estabelecidos critérios mais equilibrados para todos os segmentos contemplados pelo FCO", sustenta ele. Na divisão adotada pelo FCO, comércio e serviços contrataram R$ 278,042 milhões no ano passado, representando 8,9% dos recursos totais, numa queda de 34,23% em relação a 2017, quando a participação daqueles setores havia sido de 13,4%, com contratações de R$ 422,732 milhões.

Em outro flanco, Sandro Mabel, representante da classe empresarial no Conselho Deliberativo da Superintendência do Centro-Oeste (Condel/Sudeco), alinhou, em reunião do Fórum de Entidades Empresariais, dia 8 de abril, o posicionamento diante de importantes pautas do setor produtivo, entre elas a operacionalização do FCO em Goiás e aspectos tributários relativos ao Diferencial de Alíquota (Difal) do ICMS.

As discussões resultaram na decisão de elaborar documento conjunto a ser entregue ao ministro do Desenvolvimento Regional, Gustavo Canuto, na reunião do Condel/Sudeco, dia 25 de abril. Um dos alvos é a resistência do Banco do Brasil em aprovar financiamentos de imóveis comerciais com recursos do FCO. Segundo o presidente da Fecomércio, Marcelo Baiocchi, há a previsão legal nos atos normativos dos Fundos Constitucionais, sendo inclusive operacionalizado pelo FNE e FNO há sete anos.

"O ponto é o grande ativo do comércio, principalmente para os micro e pequenos empresários. Não se trata de uma linha de crédito imobiliária convencional, mas sim um mecanismo de segurança jurídica para casos específicos, onde micro e pequenas empresas venham a se consolidar no mercado em momento de vulnerabilidade na renovação de contratos de locação", observou Baiocchi.

Sílvio Simões

Baiocchi: "Qualquer empresário enfrenta problemas para conseguir a liberação dos recursos, diante do volume enorme de documentos exigidos pelo BB e da burocracia excessiva"

Ação conjunta para melhorar distribuição

Em entrevista à **Goiás Industrial**, Marcelo Baiocchi, da Fecomércio, defendeu a simplificação das regras e redução das exigências burocráticas, especialmente no processo de aprovação de projetos dos setores industrial e do comércio, que hoje enfrentam dificuldades maiores na contratação de recursos do FCO. "Um dos problemas é que o conselho deliberativo do fundo tem critérios e prioridades que parecem não ser os mesmos adotados pelo Banco do Brasil. Qualquer empresário, depois de ter seu projeto aprovado pelo conselho do FCO, enfrenta problemas para conseguir a liberação dos recursos, diante do volume enorme de documentos exigidos pelo banco e da burocracia excessiva", sustentou.

ABAIXO DA PREVISÃO

(Previsão, contratações e execução orçamentária do Fundo Constitucional de Financiamento do Centro-Oeste, valores em R$ milhões)

Ano	2017			2018			
Variáveis	Previsto	Realizado	Execução	Previsto	Realizado	Execução	Variação - realizado
Centro-Oeste	10.167,2	8.313,7	81,8%	9.705,0	9.449,6	97,4%	+13,66%
Goiás	2.948,5	3.148,7	106,8%	3.299,7	3.125,5	94,7%	-0,74%

Fonte: Ministério da Integração Nacional/Secretaria de Fundos Regionais e Incentivos Fiscais

Baiocchi entende que os critérios de avaliação aplicados pelo BB "desequilibram a operação" e que a avaliação deveria ser, além de eminentemente técnica, mais célere e simplificada. "Como gestor do fundo constitucional, o BB não pode ser um fator impeditivo de contratação", acrescentou ele.

Caberia à instituição financeira, prosseguiu Baiocchi, explicar por que o setor rural aparentemente teria maior facilidade na contratação de financiamento com recursos do fundo. Em 2018, o setor rural recebeu R$ 2,701 bilhões, perto de 9,3% acima dos R$ 2,472 bilhões contratados em 2017. Sua participação avançou de 78,5% para 86,4%. Embora o total geral de contratações realizadas pelo FCO tenha apresentado salto de 13,7% entre 2017 e 2018 em toda a região Centro-Oeste, numa elevação de praticamente 9,6% em termos reais, em Goiás, os recursos contratados apontaram leve redução de 0,74% em termos nominais, significando uma queda real próxima a 4,5%, a se considerar a inflação oficial do período. Em valores não atualizados, o FCO injetou quase R$ 9,450 bilhões em todo o Centro-Oeste no ano passado, diante de R$ 8,314 bilhões em 2017.

Além do recuo no total contratado, Goiás registrou piora relativa nos indicadores de execução dos valores orçados para 2018. No ano anterior, as contratações chegaram a superar o orçamento definido para o Estado em 6,8%, somando R$ 3,149 bilhões diante de uma previsão de R$ 2,949 bilhões. Em 2018, os valores contratados somaram pouco menos de R$ 3,126 bilhões e representaram 94,7% do orçamento de pouco mais de R$ 3,299 bilhões destacados para Goiás. A participação do Estado no FCO caiu de 37,9% em 2017 para 33,08% no ano seguinte.

MAIS RECURSOS PRÓPRIOS

Na avaliação de projetos submetidos à análise do Conselho Deliberativo do FCO, a Secretaria de Economia definirá seu voto com base em quatro eixos, incluindo a descentralização regional na distribuição dos recursos do fundo, a capacidade dos projetos de agregar competividade à economia, a geração de processos e produtos inovadores e o nível de participação das empresas no financiamento dos projetos com uso de recursos próprios em maior escala. Segundo a secretária Cristiane Schmidt, o conselho precisa ter acesso a informações detalhadas e a análises bem fundamentadas para votar as cartas-consultas apresentadas pelas empresas. ◆

BALANÇO

Cem dias de Sandro Mabel na Fieg

O presidente da Fieg, Sandro Mabel, completou dia 10 de abril cem dias à frente da entidade da indústria e comemora expressivos resultados obtidos no período, a partir de maior mobilização do setor produtivo na defesa dos incentivos fiscais e contra o corte de recursos que mantêm o Sistema S. Ele contabiliza também o aumento em 600% da fatia da indústria nos financiamentos no FCO no 1º bimestre em comparação ao mesmo período do ano passado (*leia matéria nas páginas 15 a 18*), redução em 46% das tarifas bancárias cobradas do Sistema Indústria, corte de gastos internos e incremento da arrecadação do Sesi e Senai, entre outros.

Eleito para mandato no quadriênio 2019-22, Sandro Mabel elegeu como pilares de sua gestão o estímulo à industrialização em Goiás da soja e milho, com o fim da isenção fiscal na exportação de grãos (*leia matéria nas páginas 20 a 24*); desenvolvimento dos setores de mineração e de moda. ◆

Leia *mais no portal* ***www.sistemafieg.org.br***

Tatiana Reis

Sandro Mabel durante reunião do Fórum de Entidades Empresariais, na Câmara dos Dirigentes Lojistas: agenda intensa em defesa dos interesses da indústria

ENERGIA? SÓ DAQUI TRÊS ANOS

Apresentado à Aneel, plano emergencial da Enel terá efeitos sobre a oferta de eletricidade e sobre a qualidade do serviço apenas em 2022

Mesmo diante da apresentação de um plano emergencial pela concessionária à Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) no início da segunda quinzena de março, a expectativa do setor industrial é de que a normalização na qualidade dos serviços da Enel Distribuição Goiás ocorra apenas em três anos. "Acreditamos que uma solução para a oferta de energia elétrica no Estado aconteça apenas no longo prazo. Ainda assim, será preciso que o investimento seja maior", avalia o presidente do Conselho Temático de Infraestrutura da Fieg (Coinfra), Célio Eustáquio de Moura.

Ele observa que a crise no suprimento de energia elétrica vem sacrificando as empresas do Estado numa fase de baixo crescimento em todo o País. O cenário pode se agravar se a economia retomar um ritmo mais alentado e os volumes de energia ofertados e a qualidade do serviço não melhorarem. "Concessionária de energia tem que ser indutora do investimento e não deveria atravancar a retomada do desenvolvimento do Estado", afirma Moura.

As ações propostas pela distribuidora à Aneel sugerem a perspectiva de uma melhoria no fornecimento num prazo de quatro a seis meses, quando se espera uma solução para 70% a 80% dos gargalos registrados atualmente. "O plano emergencial parece interessante, mas será preciso ir além do que ficou definido. De qualquer forma, já se sinaliza alguma melhoria", comenta Moura.

A empresa argumenta que investiu, em média, mais de R$ 700 milhões em 2017 e 2018 e que herdou uma situação criada por anos de baixos investimentos em distribuição. Na média, entre 2010 e 2016, a antiga Celg Distribuição, inicialmente sob controle do governo de Goiás e, nos dois últimos anos da série sob o comando da Eletrobrás, investiu em torno de R$ 223,13 milhões por ano, atingindo R$ 322,076 milhões e R$ 312,813 milhões em 2015 e 2016, respectivamente. Privatizada em leilão realizado no final de novembro de 2016, por R$ 2,187 bilhões, a distribuidora investiu R$ 837,116 milhões em 2017, o que significou salto de 167,6% frente ao ano anterior.

Como engenheiro, o presidente do Coinfra acredita que a Enel "priorizou muito os centros urbanos para reduzir os indicadores de duração e frequência na interrupção de fornecimento (respectivamente, DEC e FEC)". Assim, teria deixado em segundo plano áreas rurais e seu entorno, "setores de extrema importância para a economia estadual". Além disso, acrescenta Moura, há demanda crescente por novas ligações e estas continuam prejudicadas. "A concessionária tem transferido parte de sua responsabilidade para o consumidor, ao exigir que as empresas, como contrapartida, invistam na construção de linhas de distribuição e em subestações."

Alex Malheiros

Célio Eustáquio: "Concessionária de energia tem que ser indutora do investimento e não deveria atravancar o desenvolvimento do Estado"

De acordo com a Enel Distribuição Goiás, desde fevereiro de 2017, quando assumiu a gestão da concessionária, até o final do ano passado, havia sido possível atender 24,3% da demanda represada, com a injeção na rede de 148 megavoltamperes (MVA), diante de solicitações de carga no total aproximado de 610 MVA. Na estimativa da empresa, somente em 2022 será possível atender a toda a demanda, embora a companhia não tenha informado se a previsão contempla novas solicitações de carga.●

Descompasso: produção goiana de soja cresceu 80% desde 2008, mas exportações do grão saltaram mais do que o dobro e já representam 52% da safra

A "farra das TRADINGS"

Fieg e demais entidades do setor empresarial defendem fim de isenção fiscal na exportação de soja e milho de forma a estimular a industrialização no Estado

Lauro Veiga Filho

Alex Malheiros

Sandro Mabel: "Temos hoje uma verdadeira 'farra das tradings', uma 'farra' de incentivos fiscais para exportar grãos sem qualquer processamento, numa política de desestímulo à industrialização"

As gigantes globais Archer Daniels Midland (ADM), Bunge, Cargill e Louis Dreyfus Company (LDC), também conhecida como ABCD, respondem por alguma coisa próxima à metade das exportações totais de soja em grão do País, movimentam em torno de um quarto da safra brasileira de soja e milho e desfrutam, na maioria dos Estados, e especialmente em Goiás, de algo muito próximo a um "paraíso fiscal", já que as vendas externas não são tributadas pelo Imposto sobre a Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). Com seu poder de mercado em todo o mundo, as quatro companhias conseguem influenciar na formação dos preços dos grãos nas bolsas internacionais, o que significa dizer que podem influir nos valores que pagam aqui dentro pela soja e pelo milho colhidos por produtores brasileiros.

"Temos hoje uma verdadeira 'farra das tradings', uma 'farra' de incentivos fiscais para exportar grãos sem qualquer processamento, numa política de desestímulo à industrialização. Estamos deixando de industrializar nosso 'ouro', que são nossos principais produtos agrícolas, para incentivar a exportação", declara o presidente da Fieg, Sandro Mabel. Uma mudança no regime tributário aplicado às exportações de grãos, com fim das isenções, destacadamente no caso da soja, que sozinha respondeu por 32,6% do valor total das exportações goianas no ano passado, tende a gerar aumento significativo da arrecadação de ICMS, "quase suprindo a necessidade de caixa do governo estadual", complementa Mabel.

Entre outros argumentos, sustentados num estudo preparado por um grupo de empresas e de empresários que participam do Fórum das Entidades Empresariais, incluindo a própria Fieg, Sandro Mabel argumenta que não faz o menor sentido econômico e fiscal subsidiar as vendas externas de produtos in natura. "Não tem o menor cabimento que o Estado produza soja e mande para fora mais da metade de sua produção, escoando o grão por nossas estradas e utilizando a infraestrutura construída com recursos dos impostos", afirma. No fim das contas, o Estado abre mão de receitas e vê-se forçado, na sequência, a destinar maior volume de recursos públicos para manutenção e recuperação de estradas, entre outros gastos destinados a dar suporte, direta ou indiretamente, à operação das tradings.

Segundo o estudo, concluído em fevereiro, com base em dados de 2018, naquele ano Goiás colheu 11,786 milhões de toneladas de soja e exportou 6,119 milhões de toneladas, praticamente 52% do grão colhido no período, somando uma receita de US$ 2,447 bilhões. Tanto em volume quanto em valor, as vendas externas do grão foram recordes, assim como registrou-se a mais elevada relação entre exportações e produção, que havia alcançado 44% em 2017, quebrando todas as marcas históricas até então, saindo de apenas 29% em 2011.

Não por coincidência, o avanço tornou-se mais expressivo precisamente depois de a Secretaria da Fazenda revogar a Portaria nº 148/2016, que limitava a exportação de milho e soja a 70% dos volumes adquiridos por empresas em regime de substituição tributária e indústrias que tivessem comprado o grão com isenção de impostos. Os demais 30% deveriam ser destinados ao mercado interno. Em 2016, as exportações de soja representaram 35% da produção, alcançando 3,549 milhões de toneladas. Nos dois anos seguintes, apuradas em toneladas, as exportações goianas de soja aumentaram 72,4%.

As vantagens geradas pela maior agregação de valores à produção primária podem ser percebidas quando se observa o cenário realizado em 2018. Na exportação da soja, a massa de salários limitou-se a R$ 1,0 milhão, mas atingiu R$ 440,125 milhões na fase de processamento do grão pelas indústrias. Da mesma forma, as despesas com energia elétrica são 629 vezes mais elevadas, gerando arrecadação de ICMS igualmente 629 vezes maior – para comparar, as receitas com o imposto cobrado sobre a energia consumida, que ficaram em R$ 79,2 mil nas vendas externas, saltaram para R$ 49,797 milhões na indústria. A isenção do imposto nas exportações zerou a conta da arrecadação, que somou R$ 188,625 milhões no setor. Os ganhos podem ser amplificados com uma mudança no tratamento tributário destinado às exportações, como mostra o trabalho.

E AINDA MAIS DESVANTAGENS

A ideia de isentar de impostos as vendas externas de grãos tinha como propósito assegurar competitividade para o setor no mercado internacional e evitar a "exportação" de tributos embutidos nos preços daqueles produtos. A proposta esbarrou no que os especialistas chamam de "escalada tarifária" praticada pelos países mais desenvolvidos e também pela China, destino de quase 87% de toda a soja exportada por Goiás. Nesse sistema, a maioria dos países mais ricos estabelece tarifas substancialmente mais elevadas para suas importações de produtos processados (a exemplo de derivados de soja como farelo e óleo), com o objetivo de favorecer a indústria local. Isso explica por que a Alemanha é uma das maiores exportadoras de café solúvel sem ter um único pé de café plantado por lá. A Argentina, lembra Sandro Mabel, deixou de exportar trigo em grão e passou a vender a farinha para outros países, obrigando os moinhos brasileiros a usar o produto importado para misturar na farinha brasileira e abastecer o mercado, já que a produção brasileira de trigo em grão cobre apenas metade da demanda doméstica. Anteriormente, os moinhos brasileiros importavam o grão, que tem preços menos elevados do que a farinha, para complementar a oferta.

Entre 2008 e 2018, a produção goiana de soja aumentou 80,1%, saindo de 6,543 milhões para 11,786 milhões de toneladas, no melhor resultado da série histórica. As exportações do grão, no entanto, cresceram 164,7%, avançando de 2,312 milhões de toneladas (35% da produção) para aqueles 6,119 milhões de toneladas. Todo o crescimento deveu-se ao apetite chinês por matérias-primas. As exportações de soja em grão para a China saltaram 264,7% desde 2008, saindo de 1,454 milhões para 5,301 milhões de toneladas. O mercado chinês, que havia respondido por apenas 7,21% das exportações goianas de soja em 2000, passou a concentrar 86,6% das vendas.

A receita com as exportações de soja em grão aumentou em menor ritmo, com elevação de 123,2% no mesmo intervalo, passando de US$ 1,096 bilhão para US$ 2,447 bilhões. Goiás foi obrigado a realizar um esforço maior para embarcar sua soja e manter as receitas em crescimento, transferindo parte da renda do setor para fora do País. Isso porque os preços médios de exportação despencaram de US$ 474,18 por tonelada embarcada pelo Estado para US$ 399,91 igualmente entre 2008 e 2018, num tombo de 15,7%.

EXPORTAÇÕES A TODO VAPOR

(Produção e vendas externas de soja em grão, em milhões de toneladas)

Ano	Produção	Exportação	Participação (%)
2008	6,544	2,312	35,0
2009	6,836	2,308	34,0
2010	7,343	2,204	30,0
2011	8,182	2,338	29,0
2012	8,252	2,898	35,0
2013	8,563	3,174	37,0
2014	8,995	3,323	37,0
2015	8,625	3,225	37,0
2016	10,250	3,549	35,0
2017	10,819	4,805	44,0
2018	11,786	6,119	52,0
Variação 2018/2008	80,1%	164,7%	-

Fonte: Secex/Conab

Arrecadação adicional de R$ 440,6 milhões

A Fieg e as entidades do setor empresarial responsáveis pelo estudo sobre o setor de soja defendem a adoção pelo Estado de um regime similar ao adotado por Mato Grosso do Sul, onde os termos de acordo firmados com tradings e indústrias processadoras determinam que metade do grão adquirido no Estado seja destinada ao mercado interno e submetida à taxação pelo ICMS, autorizando a exportação do restante. Os cálculos sugerem ganho relevante no caso da soja e que poderá ser ampliado caso o mesmo tratamento tributário seja estendido para o milho.

Nesse caso, os dados são menos traumáticos, pois o Estado exportou no ano passado 17,8% de sua produção, depois de ter embarcado para fora 32,5% da safra colhida em 2017. Mas os dados da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) mostram evolução firme desde 2008, quando as vendas externas representaram 9,5% da produção goiana. As exportações de milho em grão experimentaram salto de 201,8% desde então, subindo de apenas 479,4 mil para 1,447 milhão de toneladas em 2018.

De volta à soja, o trabalho realizado por especialistas e técnicos ligados a instituições empresariais goianas inclui projeções sobre os ganhos fiscais do Estado caso metade da soja exportada no ano passado fosse vendida no mercado doméstico e tivesse recolhido ICMS a uma alíquota de 12% (nível praticado hoje nas operações interestaduais). No total, considerando um preço médio de pouco mais do que R$ 1.200 por tonelada de soja, o faturamento com a venda de 3,059 milhões de toneladas (metade da exportação realizada) teria alcançado R$ 3,672 bilhões. A cobrança de 12% de imposto renderia ao Estado arrecadação de R$ 440,639 milhões.

Apenas como exercício hipotético, o crescimento da arrecadação no ano passado teria sido 60,2% mais elevado. Nos

dados oficiais da Secretaria da Fazenda (hoje Secretaria de Economia), a arrecadação bruta do ICMS variou de R$ 15,023 bilhões em 2017 para R$ 15,755 bilhões, num acréscimo de R$ 732,111 milhões (ou 4,87% a mais). A cobrança do imposto sobre o equivalente à metade da soja exportada faria a arrecadação bruta atingir algo como R$ 16,195 bilhões, significando elevação de R$ 1,173 bilhão ou 7,81% acima dos níveis registrados em 2017.

Um ganho nada desprezível, mas que pode ser potencializado diante dos impactos indiretos sobre a cadeia produtiva.

Como lembra um empresário do setor, a mudança no regime tributário favoreceria o direcionamento de parcela maior da soja colhida no Estado para a produção de óleo, farelo, biodiesel e ainda reforçaria a oferta de proteína para a alimentação de suínos, aves e do rebanho bovino no Estado, ampliando a produção de carnes, numa agregação de valores que iria além da própria cadeia produtiva da soja, ampliando ainda a geração de empregos e renda.

Fábio Scremin/APPA-Fotos Públicas

Embarque de soja: limite de 50% para exportação do grão teria feito receita do ICMS crescer 60% mais do que o avanço registrado em 2018

Seria criada ainda a opção de aumento das exportações de farelo e de óleo de soja diante do aumento esperado no processamento do grão aqui dentro e ainda de incremento das vendas interestaduais desses produtos. "A indústria vai gerar muito mais emprego e logicamente mais impostos para o Estado também", acrescenta Sandro Mabel.

Estado deixa de atrair investimentos

A ociosidade na indústria de soja atingiu, na média do setor, pouco mais de 31% no ano passado, quando o setor chegou a processar 5,667 milhões de toneladas do grão, correspondendo a 48% da produção alcançada em 2018, diante de uma capacidade instalada de praticamente 8,230 milhões de toneladas. Nos últimos anos, o Estado deixou de atrair investimentos nessa área e passou a sofrer um processo de encolhimento da capacidade total, concentrada especialmente nas grandes multinacionais do mercado de grãos.

Em 2015, conforme estatísticas levantadas pela Fieg, as plantas em operação apresentavam capacidade para industrializar em torno de 8,679 milhões de toneladas de soja em grão por ano, mas perderam algo como 379,5 mil toneladas de capacidade até 2018, ano em que a base instalada baixou para pouco mais de 8,299 milhões de toneladas, numa redução de 4,4%. ▶

MAIS SOJA EM MATO GROSSO DO SUL

Os números compilados pelas entidades empresariais e empresas do setor, consolidados no trabalho em questão, mostram que a mudança no regime tributário não desestimulou os produtores. Ao contrário, conforme sugere um empresário da área. A produção de soja avançou 39,1% entre 2005 e 2011 em Mato Grosso do Sul, diante de uma variação de 17,1% em Goiás. Nas sete safras seguintes, até 2018, aquele Estado ampliou sua colheita em 85,7%, elevando-a de 5,169 milhões para quase 9,601 milhões de toneladas. Em Goiás, a produção cresceu 44,1%, de 8,182 milhões para 11,786 milhões de toneladas. Em 2005, a produção de soja em Mato Grosso do Sul correspondia a 53,2% do total colhido em Goiás, relação alterada para 81,5% no ano passado. Confirmando evolução mais vigorosa no Estado vizinho, a produção ali acumulou salto de 158,3% entre 2005 e 2018, diante de variação de 68,7% em Goiás.

MAIOR AVANÇO NO VIZINHO

(Produção de soja em Mato Grosso do Sul e Goiás, em milhões de toneladas)

Ano	Mato Grosso do Sul	Goiás	Relação MS/GO
2005	3,716	6,985	53,2%
2011	5,169	8,182	63,2%
2018	9,601	11,786	81,5%
Variação 2018-2005	158,3%	68,7%	-

Fonte: Conab

A maior fatia dessa redução veio de cortes operados pela Bunge e Louis Dreyfus, que chegaram a responder por 87% da redução observada na capacidade total do setor em Goiás.

Em 2015, cada uma delas tinha capacidade para esmagar 825,0 mil toneladas, somando 1,625 milhão de toneladas anualmente, mas encolheram de tamanho e apresentavam, em 2018, capacidade para processar 660,0 mil toneladas cada (1,320 milhão de toneladas no total). A queda chegou a 20% no período analisado, representando redução de 330,0 mil toneladas na soma das duas tradings.

Mato Grosso Sul experimenta processo inverso, com ampliação da capacidade instalada de quase 15,7% entre 2015 e 2018, saindo de 3,495 milhões para 4,043 milhões de toneladas por ano, num acréscimo de 547,8 mil toneladas. A participação do Estado na capacidade total do setor instalada no País avançou de 5,7% para 6,4%, de acordo com estatísticas da Associação Brasileira da Indústria de Óleos Vegetais (Abiove). O parque tende a apresentar avanço em torno de 24% neste ano, quando se espera a entrada em operação da planta da Coamo Agroindustrial Cooperativa, que terá capacidade inicial para 3,0 mil toneladas por dia (ao redor de 990,0 mil toneladas por ano).

Em construção às margens da BR-163, entre Dourados e Caarapó, o complexo incluirá uma planta para processamento de farelo e óleo e uma segunda unidade para o refino de óleo de soja com capacidade para 720 toneladas diárias, equivalente a 16,0 milhões de sacas de soja por ano (perto de 960,0 mil toneladas), num investimento total de R$ 650,0 milhões. A capacidade total da cooperativa, que faturou R$ 14,242 bilhões no ano passado, movimentou perto de 3,2% de toda a produção brasileira de grãos e respondeu por pouco mais de 4% das exportações de milho e soja do País, será ampliada em 60% com a entrada em operação do novo complexo, saltando de 5,0 mil para 8,0 mil toneladas por dia. O investimento mais do que dobrará a capacidade de refino da cooperativa, saindo de 660 para 1.380 toneladas por dia (109% a mais).◆

TENDÊNCIAS OPOSTAS

(Evolução da capacidade instalada da indústria de soja em Goiás e Mato Grosso do Sul, dados em mil toneladas por ano)

Período/Estado	2015	2018	Redução/Acréscimo	Variação
Goiás	8.679	8.299,5	-379,5	-4,37%
Participação no total do País	14,5%	14,1%	-0,4 ponto de porcentagem	-2,76%
Mato Grosso do Sul	3.494,7	4.042,5	+547,8	+15,67%
Participação no total do País	5,7%	6,4%	+0,7 ponto de porcentagem	+12,28%

Fonte: Abiove e indústrias

Investimentos, mas em Mato Grosso do Sul: Coamo desembolsará R$ 650 milhões em complexo com capacidade para 3,0 mil toneladas por dia de soja

Coamo

Fotos: Alex Malheiros

Humberto Rodrigues de Oliveira, superintendente do IEL Goiás: 12.090 horas de consultoria para ajudar empresas a sistematizar processos de inovação

PEQUENAS EMPRESAS, GRANDES EM INOVAÇÃO

Projeto bancado pela CNI e pelo Sebrae, em parceria com a Fieg, certifica 62 micro e pequenas indústrias em gestão da inovação, num investimento de quase R$ 1,6 milhão

Resultado de parceria entre a Confederação Nacional da Indústria (CNI), o Sebrae e a Fieg, 62 pequenas e micro indústrias de setores diversos da Região Metropolitana de Goiânia receberam, no dia 19 de março, na Casa da Indústria, certificado de conclusão do projeto de gestão da inovação e de processos. Responsável pela execução, o IEL Goiás, segundo o superintendente Humberto Rodrigues de Oliveira, realizou 12.090 horas de consultoria, que ajudaram as participantes a capacitar pessoal, promover maior engajamento das equipes e a sistematizar processos internos de inovação.

Diretor administrativo e financeiro do Sebrae Goiás, Igor Montenegro destacou o investimento de R$ 1,593 milhão realizado entre junho de 2017 e dezembro do ano passado nas três etapas do projeto.

Na média, foram 195 horas de consultorias coletivas e individuais por empresa, num trabalho intensivo que ajudou as empresas a implantar ou aprimorar, conforme o caso, a gestão, organizar e padronizar processos de inovação e até mesmo aprender a como montar processos para buscar recursos externos e disputar editais de subvenção econômica, conforme a consultora do IEL Gracielle Guedes. A etapa mais atual do programa, que teve um primeiro ciclo realizado ainda em 2014, incluiu três ciclos entre 2017 e 2018. "A ideia é despertar o interesse dos funcionários pela inovação e promover mudança na cultura e no pensamento dentro das empresas", resumiu Gracielle.

Numa primeira fase do programa, as empresas fizeram um mapeamento de toda a indústria, observando pontos fracos e fortes e o grau de maturidade da organização na área da inovação. Todo o trabalho a seguir foi desenvolvido tomando como base o diagnóstico construído ▶

Lidiane Abreu: indicador de maturidade avançou de 34,71% no início do projeto para 55,95% ao final, com índice de satisfação geral de 95,6 pontos

sob a orientação de quatro consultores do IEL, de acordo com a coordenadora de Inovação do IEL Goiás, Lidiane Abreu, seguindo a mesma metodologia adotada em processos de referência em gestão da inovação, utilizados por grupos empresariais como rede Walmart e grupos Bosch e Natura.

Num primeiro diagnóstico, disse Lidiane, observou-se aumento de 21,24 pontos no índice de maturidade das empresas participantes em práticas de inovação. O indicador avançou de 34,71% no início do projeto para 55,95% ao final. Na avaliação das próprias empresas, o índice de satisfação geral chegou a 95,6 pontos depois de concluído o projeto.

Benefícios também para empregados

"Aquela empresa que não estiver preparada para o novo ciclo de mudanças na área industrial está fadada a fechar as portas", afirmou durante a "formatura" o empresário Antônio Almeida, então no exercício da presidência da Fieg. O projeto de inovação, patrocinado pela CNI e pelo Sebrae, sob gestão da federação goiana, prosseguiu Almeida, "trouxe benefícios não só para as empresas, mas para todos os seus funcionários". Numa próxima etapa, adiantou Almeida, que também preside o Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás, deverá ser lançado um certificado de gestão da inovação.

Igor Montenegro, do Sebrae, lembrou que "a agenda do desenvolvimento, que precisa ser retomada pelo País, é a agenda da inovação". Sem inovar, prosseguiu, "é impossível crescer e empreender". Mas a inovação deve ser percebida como um processo constante, voltado para agregar produtividade e competitividade às organizações. E a produtividade, disse Montenegro, ficar no "centro da estratégia de qualquer negócio". Ganhos de competitividade, acrescentou ele, permitem que as empresas tenham condições de produzir e disputar mercados em pé de igualdade com seus concorrentes aqui e no exterior. Desenvolver soluções para melhorar os custos de produção deve ser preocupação permanente das empresas, pois "custos elevados corroem as margens do negócio, impedem o investimento e, portanto, o crescimento das empresas", sustentou Montenegro.

Antônio Almeida: projeto de gestão em inovação trouxe benefícios para empresas e para seus funcionários

Renato Peixoto Barbosa, da Rennov: "Mudamos todo o planejamento e, em resumo, passamos a ter pensamento de uma grande empresa numa pequena empresa"

Novos mercados e produtos

Depois de três anos de estudos, o empresário Renato Peixoto Barbosa conseguiu, há mais ou menos um ano, estruturar sua empresa e entrar no mercado de cosméticos para animais de estimação. Nasceu a Rennov, que já carrega a inovação como conceito em seu próprio nome. Instalada em Aparecida de Goiânia, a indústria fabrica produtos de higiene e beleza da linha veterinária, incluindo shampoos, condicionadores e já planeja o lançamento de uma linha de perfumes para animais.

Outros três produtos estão com lança-

mento encaminhado, de acordo com Barbosa, que espera colocar no mercado uma linha para hidratação de patas e cotovelos, um "educador sanitário" (um composto químico utilizado para que os animaizinhos façam suas necessidades em locais apropriados) e uma solução para limpeza de ouvido. A fábrica vende seus produtos diretamente para pet shops de Goiânia e Aparecida, mas começa a explorar os mercados de Trindade e Anápolis, além de Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. Neste ano, além de consolidar sua presença nesses dois Estados, a Rennov pretende avançar até Minas Gerais e Tocantins.

"Mudamos todo o planejamento e passamos a utilizar ferramentas que nos permitiram abrir mercados e estabelecer as metas a serem alcançadas anualmente. Recebemos capacitação e aprendemos a definir prioridades, escolhendo o que deve ser feito, onde e como atingir as metas estabelecidas. Em resumo, passamos a ter pensamento de uma grande empresa numa pequena empresa." A empresa ainda utilizou parte de seu capital de giro para investir em melhoria dos equipamentos e em seu laboratório, onde todos os produtos são testados e validados.

Diogo Filgueira, gerente financeiro da Toollon: vendas cresceram 22% entre agosto e dezembro e mais 7% no primeiro bimestre de 2019

Rogério Di Magalhães, diretor financeiro da 3DB Solutions: "Dobramos a empresa de tamanho e ainda compramos a Soluções IP no ano passado"

A retomada, depois da capacitação

A Toollon Cosméticos, do empresário Jair José Alcântara, presidente do Sindicato das Indústrias Químicas no Estado de Goiás (Sindquímica), já havia antevisto a necessidade de reforçar a área de gestão da inovação, comentou seu gerente financeiro Diogo Filgueira. Uma das 62 empresas certificadas no Projeto de Desenvolvimento em Gestão da Inovação e de Processos, a Toollon conseguiu retomar o crescimento, apresentando salto de 22% nas vendas entre agosto e dezembro de 2018 e de 7% no primeiro bimestre deste ano, desempenho atribuído às mudanças implementadas pela empresa ao longo do projeto.

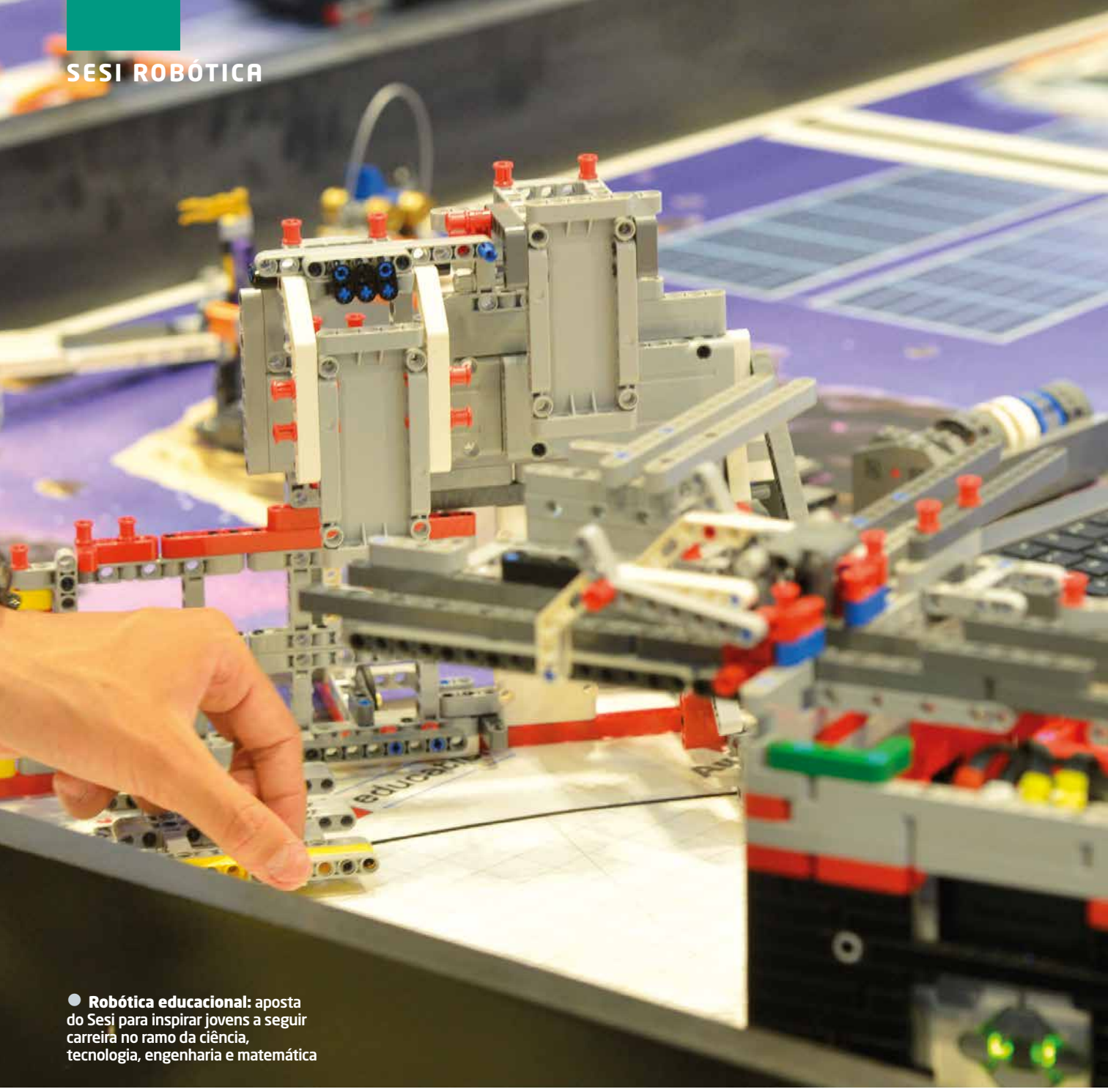
Filgueira acompanhou todo o processo de capacitação e adequação da empresa, juntamente com a diretora Sarah Alcântara, que auxilia o pai, Jair Alcântara, na administração do negócio. No mercado desde 1990, com fábrica em Aparecida de Goiânia, a Toollon conseguiu revitalizar sua linha de produtos, com a capacitação e o engajamento do pessoal na sistematização e atualização de processos. Na área de compras, exemplificou o gerente, as aquisições passaram a ser feitas com planejamento e inteligência estratégica, o que permitiu comprar insumos e matérias-primas a preços relativamente mais favoráveis e ainda com redução de fretes.

A alteração introduzida no portfólio mudou igualmente o perfil da empresa e a levou a deixar a linha de produtos profissionais de teor mais elevado de produtos químicos, que agridem mais os cabelos, e a explorar produtos mais naturais, com shampoos, condicionadores e hidratantes sem sulfatos e sais. "Tudo isso surtiu efeito e contribuiu para recuperarmos mercado", sustentou Filgueira. A marca ganhou mais visibilidade, com a estreia da Toollon nas redes sociais (Facebook e Instagram).

O dobro do dobro

Entre o final de 2017 e o ano passado, a 3DB Solutions, especializada em consultoria em tecnologia da informação (TI) e cloud (ou computação nas nuvens, que permite o armazenamento remoto de dados), conseguiu dobrar seu faturamento duas vezes, afirmou Rogério Di Magalhães, diretor financeiro. Como resultado de sua participação no projeto de gestão da inovação, a empresa deixou de ser especialista em banco de dados para dedicar-se integralmente ao segmento de TI. "Dobramos a empresa de tamanho e ainda compramos a Soluções IP no ano passado", afirmou Magalhães.

Com sede na Avenida Jamel Cecílio, em Goiânia, a empresa ainda opera nas áreas de segurança digital, servidores, redes e manutenção de sistemas. "Temos 28 funcionários e a inovação era feita de forma mais empírica pela 3DB. Depois do projeto, conseguimos materializar isso num processo consolidado e desenvolvemos um sistema de gestão baseado em gamificação, criando games aplicados à gestão de pessoas, o que permitiu certificar o pessoal e promover maior engajamento em inovação", detalhou ele. Para este ano, a empresa tem como metas principais consolidar seu projeto de governança, o setor de consultoria comercial e ainda a consultoria de gente, com suporte do game desenvolvido pela empresa.◆



● **Robótica educacional:** aposta do Sesi para inspirar jovens a seguir carreira no ramo da ciência, tecnologia, engenharia e matemática

A ESCOLA DAS PROFISSÕES QUE AINDA NÃO EX

José Paulo Lacerda/CNI

ISTEM

Com aulas de robótica, participação em competições nacionais e internacionais na área e visitas sistemáticas à indústria, alunos da instituição são preparados para mercado de trabalho do futuro

Daniela Ribeiro, Dehovan Lima, Agência CNI de Notícias

Muito além dos bons resultados obtidos no Festival Nacional de Robótica, realizado em março no Rio de Janeiro, onde conquistaram vaga para o World Festival, competição internacional marcada para abril, em Houston, nos Estados Unidos, alunos do Sesi em Goiás compartilham ensino verdadeiramente voltado à formação de profissionais para o futuro.

Eles integram universo apontado pelo estudo The Future of Jobs6, do World Economic Fórum, de que 65% das crianças que entram na escola primária hoje terão empregos que ainda não existem. Nas salas de aulas do Sesi, os estudantes vivenciam assuntos como inteligência artificial, internet das coisas e robótica, presentes nas indústrias, em meio à 4ª Revolução Industrial, ou Indústria 4.0. Experiências como a implantação pioneira em Goiás do novo ensino médio, que valoriza o protagonismo dos alunos; participação em torneios de robótica; visitas sistemáticas a indústrias, entre outras, evidenciam a preocupação do Sesi em formar profissionais com esse perfil.

Desde 2006, a instituição da indústria investe na inserção da robótica educacional nas salas de aula. Atualmente, todas suas 505 escolas Brasil afora contam com a disciplina no currículo. Até o ano passado, o Sesi realizava anualmente apenas o Torneio de Robótica First Lego, criado em 1998 pela First, uma organização não governamental, em parceria com o Grupo Lego. Em 2019, a instituição ampliou o número de competições no País, passando a ser operador também do Torneio Sesi de Robótica First Tech Challenge (FTC) e do Torneio Sesi F1 nas Escolas *(ver matéria correlata)*.

Vitória no FTC e vaga no Word Festival, nos EUA

Na estreia do FTC, a equipe Geartech Canaã, formada por dez estudantes do Sesi Canaã, de Goiânia, foi considerada a melhor do Brasil, ao superar 15 times concorrentes, garantindo vaga no World Festival, competição internacional que será realizada em Houston, nos Estados Unidos, em abril.

Cada uma das equipes competidoras construiu robôs capazes de executar tarefas guiados por controle remoto e também de forma autônoma, com ajuda de sensores e movimentos pré-programados, dentro do tema da temporada, Rover Ruckus, ou seja, um tumulto de rovers – robôs usados para explorar terrenos em outros planetas. A prova foi baseada nos principais desafios de astronautas durante a fase de reconhecimento de terreno. Para isso, os robôs tiveram de executar atividades como movimentar-se, transpor obstáculos na arena, identificar e recolher minerais na superfície do planeta.

No FTC, as equipes foram avaliadas pela qualidade dos robôs, por envolvimento com a comunidade, relacionamento com outras equipes e maneira como levam ciência e tecnologia para o maior número de pessoas. A competição desenvolve habi- ▶

Equipe Geartech Canaã, formada por dez estudantes do Sesi Canaã, de Goiânia, campeã nacional: vaga no World Festival, em Houston, nos Estados Unidos

lidades como comunicação, resolução de conflitos, tomada de decisões e raciocínio lógico, inspirando jovens a seguir carreira no ramo da ciência, tecnologia, engenharia e matemática.

"Acredito que a educação é o caminho para a criação de oportunidades e para o sucesso de uma nação", disse o presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI) em exercício, Paulo Afonso Ferreira, na abertura do Festival Nacional de Robótica, no Rio. "O Sesi e o Senai estão aqui para apoiá-los, para orientá-los nessa jornada da educação e prepará-los para o futuro do trabalho. Vocês são a geração para o futuro da indústria brasileira e, principalmente, o futuro desse País."

Paulo Afonso Ferreira observou ainda que o Sesi oferece uma educação que atende às aspirações dos jovens e, ao mesmo tempo, às exigências do mundo do trabalho. "Há 12 anos, desenvolvemos um programa de robótica educacional na educação básica, com foco nas áreas de Engenharia, Matemática, Ciência e Tecnologia", acrescentou.

Entusiasmado com do ensino oferecido pelo Sesi e Senai em Goiás, o presidente da Fieg, Sandro Mabel, reiterou propósito de sua gestão à frente das instituições de avançar na reconhecida qualidade e de levar cada vez mais alunos concluintes de cursos para as indústrias. "Nós seremos aqui em Goiás a Coreia do Sul da educação", disse ele aos alunos integrantes da delegação goiana, na despedida rumo ao Festival Nacional de Robótica, no Rio, em alusão ao salto socioeconômico dado pelo país asiático ao promover verdadeira revolução educacional priorizando investimentos no ensino básico.

Em uma sociedade cada vez mais 4.0, há grande preocupação de educadores sobre como será a formação dos estudantes para o mundo digital. A tecnologia está presente no dia a dia de todos e, também, na sala de aula. Como fazer o melhor uso dessa nova realidade e formar pessoas que transitem entre os mundos real e o virtual? Diante dos desafios sobre o uso de tecnologia na sala de aula, o Sesi realizou, em parceria com o jornal O Globo e o Colégio PH, o Seminário Educação 360 Jovem Tech, dia 15 de março, no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro, reunindo estudantes e especialistas em educação.

Um dos debatedores, o diretor do Centro de Recurso de Educadores da Unidade de Verificação e Validação Independente da Nasa, Todd Ensign, defendeu o uso mais frequente da robótica nos programas educacionais. Também professor da Fairmount Station University, ele propôs

Fotos: José Paulo Lacerda/CNI

Paulo Afonso Ferreira, presidente em exercício da CNI: "Sesi oferece uma educação que atende às aspirações dos jovens e, ao mesmo tempo, às exigências do mundo do trabalho"

Todd Ensign, diretor da Nasa: "Robótica mantém o interesse dos alunos pela sala de aula em uma sociedade cada vez mais dispersa por tantas tecnologias e informações"

que a robótica e abordagens educacionais STEM (sigla em inglês para Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática) devem ser as apostas para a educação porque "nós não sabemos o futuro. Nem a Nasa sabe qual será sua próxima missão", brincou.

De acordo com Todd, a robótica mantém o interesse dos alunos pela sala de aula em uma sociedade cada vez mais dispersa por tantas tecnologias e informações. "A robótica competitiva captura a imaginação dos alunos. Ao contrário da sala de aula, em que é difícil manter os alunos concentrados, com a robótica, nós temos que tirar os robôs das mãos deles", disse.

O representante da Nasa salientou a importância da inclusão de novos conteúdos adaptados à sociedade 4.0. Segundo ele, no estado da Virgínia, nos Estados Unidos, os alunos terão aula de codificação de computador. O entendimento é de que compreender a linguagem de programação é tão importante quanto a língua estrangeira, uma vez que cada vez mais tarefas cotidianas, como pegar um transporte, estão sendo atualizados por mecanismos de robótica. A cybersegurança também deve ser uma área bastante demandada, na opinião do especialista.

Escola mais próxima da indústria 1

Às vésperas do Festival Nacional de Robótica, em março, alunos da equipe Geartech, do Sesi Canaã, visitaram a Montadora Caoa, em Anápolis, e conheceram toda a linha de produção. Acompanhados por engenheiros da indústria automotiva, eles viram de perto o que estudaram durante a preparação para a competição e apresentaram aos engenheiros o robô que construíram utilizando alguns equipamentos usados pelos profissionais.

Engenheiro da montadora há nove anos, Adailton Bicudo lamentou que muitos alunos deixam as escolas somente com a teoria e observou que, com a inclusão da robótica na sala de aula, eles podem sair mais preparados para o mercado de trabalho. "Hoje falta mão de obra qualificada, pois o que se vê nos livros não é aplicado na prática, mas esses alunos aqui sairão na frente e serão grandes profissionais", disse Bicudo.

Caoa

Adailton Bicudo, engenheiro da Caoa/Hyundai, em Anápolis: inserção da robótica na sala de aula e melhor preparação para o mercado de trabalho

Também engenheiro da Caoa, Egmar da Silva revelou aos estudantes que os problemas que eles enfrentaram para construir o robô são semelhantes aos vivenciados na fábrica. "A dificuldade que vocês têm na ▶

montagem, produção e reposição de peças é a que nós temos aqui dentro da indústria."

Para Henrique Souza Silva, de 17 anos, conhecer o processo de desenvolvimento de um carro o deixou com mais vontade de trabalhar na indústria. "A gente vê esse automóvel na rua e nem imagina como isso acontece. Ficamos fascinados com o que vimos e aprendemos aqui hoje", disse.

O professor de robótica do Sesi Canaã, José Rodrigues Júnior, de 38 anos, afirmou que a experiência de conhecer uma indústria e de participar de competições de robótica contribuem para a formações de profissionais melhores no futuro. "Temos aqui futuros engenheiros e cientistas que atuarão nas indústrias. E, acima de tudo, pessoas éticas e que sabem trabalhar em conjunto", atestou.

Daniela Ribeiro

Integrantes da Geartech Canaã fazem demonstração de robô durante visita à fábrica da Caoa/Hyundai, em Anápolis

Carros de corrida criados por estudantes atingem até 90 km/h no Torneio Sesi F1 nas Escolas

Com objetivo de desenvolver aspectos como liderança, trabalho em equipe e comunicação, em projeto baseado em engenharia, design, marketing e administração, o Sesi iniciou este ano o Torneio Sesi F1 nas Escolas, uma das categorias em disputa no Festival Sesi de Robótica, em março, no Rio de Janeiro. Responsáveis por criar empresas que se assemelham às escuderias reais de Fórmula 1, os competidores tiveram como missão de construir carros com peso de, no mínimo, 50 gramas. Depois, os veículos deveriam percorrer a pista de 20 metros no menor espaço de tempo. A equipe Eagles, do Sesi Campinas, conquistou o terceiro lugar na competição, ficando atrás da Escola Sesi Reitor Miguel Calmon, da Bahia, e da Escola Sesi de Goiana, do Pernambuco.

Dezessete equipes participaram da competição e todas receberam um bloco igual para usinar os carros e precisaram usar conhecimentos de design, física, química e matemática. Os protótipos são feitos de poliuretano expandido e passam por usinagem e pintura antes de serem concluídos. Já a largada simula uma corrida de Fórmula 1, com cinco luzes vermelhas sendo acesas. Quando elas apagam, o competidor deve apertar o botão do disparador, que aciona uma agulha e fura o cilindro de CO_2 concentrado para disparar o carro. Os veículos atingem até 90 km/h na largada e podem percorrer os 20 metros de pista, em uma média de 70 km/h.

Engana-se quem pensa que a equipe vencedora é a que percorre o circuito no menor espaço de tempo. A classificação da Escola Sesi Reitor Miguel Calmon para a etapa mundial, que será realizada no fim de novembro, em Abu Dhabi, foi baseada no resultado de um conjunto de ações, incluindo a elaboração de um plano de negócios, marketing e mídias sociais. A pontuação é dividida em diferentes critérios: a corrida vale 25% dos pontos; apresentação de engenharia, 17%; design e portfólio 18%; plano de negócios, estande, portfólio e marca, 18%; apresentação verbal, 18%; e marketing e mídias sociais 4%. As equipes também precisam realizar ações sociais, cujos resultados são critério para desempate nas notas.

CEREJA DO BOLO – "Queremos mostrar para os competidores que a corrida é muito mais que o carrinho. Já aconteceu de equipes serem brilhantes no carro e perderem o campeonato, porque o estande estava mal feito e o portfólio era ruim", explica o coordenador da F1 nas Escolas, Waldemar Battaglia, representante oficial no Brasil do projeto. Esta é a quarta vez que a competição é realizada no País, mas a primeira promovida pelo Sesi. "A cereja do bolo é o carrinho, é a corrida. Mas conta muito o amadurecimento do estudante de criar e administrar uma empresa. É um encontro desses jovens com a realidade", diz.

De acordo com Battaglia, o objetivo do projeto é expor os alunos ao maior número possível de tecnologias que são usadas para a indústria. Tanto que recebem uma licença

José Paulo Lacerda/CNI

Alunos do time Eagles, do Sesi Campinas, 3º lugar no Sesi F1 nas Escolas, criaram uma verdadeira escuderia, agregando aspectos como liderança, trabalho em equipe e comunicação, em projeto baseado em engenharia, design, marketing e administração

grátis de um software chamado Fusion 360 para o design do carro e o teste do túnel de vento. "Fornecemos a ferramenta, mas não fazemos o trabalho dos estudantes. Como na Fórmula 1, existem regras bem restritas para a montagem do carro, com aerofólios feitos em impressora 3D, mas cada equipe tem um veículo diferente", explica o coordenador do torneio F1 nas Escolas.

AUTOMOBILISMO - Integrante da equipe Eagles, da Escola Sesi Campinas, Augusto Ribeiro, 13 anos, é o responsável pela engenharia do carro na escuderia goiana. Apaixonado por automobilismo desde pequeno, ele descreve como foi o trabalho de criação do veículo. "Comecei estudando aerodinâmica e alguns exemplos reais de carros de Fórmula 1 para preparar asas e chassi. Fiz inicialmente um carro mais cru, depois fui aperfeiçoando e trabalhando na pintura", destaca o estudante.

Augusto Ribeiro avalia que a experiência adquirida com o projeto F1 nas Escolas será um diferencial para seu futuro profissional. "A participação no torneio pode me proporcionar uma vaga de emprego em áreas ligadas ao automobilismo, já que tive contato com partes estratégicas de engenharia, impressão em 3D e até marketing", afirma. "Estou tendo um crescimento tanto pessoal quanto profissional, principalmente porque pretendo fazer faculdade de engenharia mecatrônica para seguir carreira em alguma área ligada ao automobilismo", completa.◆

RESULTADOS ALCANÇADOS POR GOIÁS NO FESTIVAL NACIONAL DE ROBÓTICA:

Torneio de Robótica First Lego League

- **2º lugar:** Pesquisa - **Gametech** Sesi Senai Canaã
- **1º lugar:** Desempenho do Robô - **Lego da Justiça** Sesi Planalto.
- **2º lugar:** Gracious Profissionalism - **Robostorn** Sesi Senai Aparecida

Classificados para o internacional:

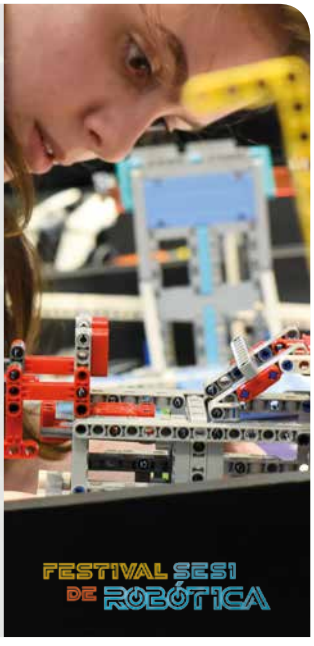
- **Gametech**, Sesi Senai Canaã, viagem em julho/2019, para Nasa Estados Unidos, tendo como suplentes os times: **Life** Sesi Canaã e **Meq Lego** Sesi Senai Catalão.

Torneio de Robótica First Tech Challenge

- **1º lugar - Geartech** – do Sesi Canaã (*alunos do Ebep e do novo Ensino Médio*)

F1 in Schools

- **3º lugar: Eagles** – Sesi Campinas



Guarim de Lorena

O tempo da BELEZA

Lauro Veiga Filho
Fotos: Alex Malheiros

Sem nada para fazer a não ser procurar algo para fazer numa Paris que não oferecia nada para fazer, o designer Hans Donner decidiu literalmente "desenhar o tempo". Foi assim que nasceu, ainda em 1986, seu já famoso relógio – famoso antes mesmo de chegar ao mercado em versão comercial, o que Donner espera que aconteça ainda neste ano, graças à parceria com um fabricante chinês. O protótipo está pronto e tem sido exibido por ele a cada palestra, a cada encontro, a cada entrevista. "Meu problema é que eu desenho coisas que têm a cara do futuro e preciso de paciência para a tecnologia me alcançar", afirma. "Vivo o mundo de beleza, vivo o mundo do design, onde é preciso ter a maior paciência para que a tecnologia possa alcançar meu design. Não sei o que vai ser amanhã." Mas ele teme que a tecnologia venha a destruir a humanidade como a conhecemos, ao afastar as pessoas do convívio umas com as outras. Sua missão? Alertar a humanidade para a beleza. "E se essa beleza faz parte do tempo, é a melhor coisa onde ela pode entrar", declara nesta entrevista à **Goiás Industrial**, um dia após ministrar, no Instituto Senai de Tecnologia em Automação, a palestra *Live Your Time - Viva seu Tempo com um Novo Visual do Tempo*.

> **"MEU PROBLEMA É QUE EU DESENHO COISAS QUE TÊM A CARA DO FUTURO E PRECISO DE PACIÊNCIA PARA A TECNOLOGIA ME ALCANÇAR. ENTÃO, RESUMINDO, SE VOCÊ ME FAZ PERGUNTAS SOBRE COMO VEJO A TECNOLOGIA, O QUE EU SEI É QUE A TECNOLOGIA ESTÁ DESTRUINDO A HUMANIDADE"**

Goiás Industrial – ***Como você analisa as medidas e políticas que o Brasil vem buscando para tentar acompanhar as mudanças que estão vindo com o paradigma da chamada Indústria 4.0?***

Hans Donner – Sabe o que acontece? Sou designer e sou um cara apaixonado pela forma, pela beleza e pela tecnologia que veio para me auxiliar a fazer reais todos meus sonhos de designer. As pessoas sempre vêm com perguntas para mim sobre como vai ser o futuro. Não é minha praia.

Goiás Industrial – ***E qual é sua praia?***

Donner – Eu sou inclusive muito menos o 'mago' da computação gráfica, que todo mundo carimbou, porque juntei design com a tecnologia pela felicidade de ter encontrado as pessoas certas, que têm essa cabeça de pensar no futuro. Meu problema é que eu desenho coisas que têm a cara do futuro e preciso paciência para a tecnologia me alcançar. Então, resumindo, se você me faz perguntas sobre como vejo a tecnologia, o que eu sei é que a tecnologia está destruindo a humanidade.

Goiás Industrial – ***Por que você tem essa visão? Não parece contraditória?***

Donner – Porque vejo as pessoas nas ruas, nos restaurantes, na convivência com os filhos e percebo que a destruição está vindo de uma forma muito violenta. Parece estranho falar isso num lugar tão tecnológico, tão necessário. (A entrevista foi concedida em uma das salas do Gyntec, instituto tecnológico, de caráter privado, que atua na Região Leste de Goiânia, abrigando startups em fase de pós-incubação e pré-aceleração). Mas o indivíduo que não domina seu ímpeto de querer ser sua televisão, seu Instagram, seu Facebook é a pior coisa que surgiu em muito, muito tempo.

Goiás Industrial – ***Há alguma forma de transformar a tecnologia para produzir coisas boas?***

Donner – Ela é muito atraente. Recentemente participei de uma palestra numa escola alemã, onde estão meus filhos de 15 e 16 anos, e as mães, maioria na audiência, entraram em desespero depois de uma palestra de um homem contando como deveria ser tempo, filho, tecnologia. Ele abriu a fala dele dizendo que 12 anos atrás nada disso existia e o mundo era diferente. Ele veio dizendo como deveria se fazer. Como tirar isso dos filhos? Ao final da palestra, as mulheres estavam desesperadas – 'eu não sei mais o que fazer'; 'a minha filha não olha para mim'; 'eu não tenho mais como entrar no universo dela'. Levantei a mão e perguntei se ele tinha filhos. Ele disse que sim e que tinha dois. Perguntei qual a idade deles. Um deles tem 24 anos e outro mais ou menos isso. Respondi: 'Então você não sabe o que é ter filhos no mundo de hoje'. Mesmo assim veio ditando regras. De cara, ele não tinha resposta. Mas emendei com o seguinte. Fui criado na Áustria e fiz uma palestra na terça-feira (12.03) dizendo como era apaixonado pelo país, pela natureza, pelo esqui, pelo futebol, tudo com o que uma criança pode sonhar. Todo dia eu fazia o que eu queria mais, tudo o que uma criança pode sonhar em ter na infância. Segurança, liberdade, sem problema de assalto, sem carro blindado. Se alguém como eu, um dos meninos mais felizes do mundo, num dos lugares mais belos, no Lago de Constança, na fronteira com a Suíça e com a Alemanha, tivesse esse troço na mão (mostra o celular), eu não teria jogado bola, não teria esquiado, não teria feito tudo o que uma criança faz quando é feliz. Meus filhos estão numa jaula, no Rio de Janeiro, olhando para a paisagem mais deslumbrante da cidade mais espetacular do mundo e não posso deixá-los fazer o que eu fiz. Isso leva as crianças a ficar dentro das casas com um troço fenomenal, que se chama celular. Eu, que usei a tecnologia para fazer pirâmide cortada, seja o que for, as imagens que estão na sua memória, com as quais toquei as pessoas muitas e muitas vezes, essa mesma tecnologia é tão inacreditável que fico do lado do meu filho quando ele está jogando, e não acredito que possa ser tão real. E eu fui o primeiro designer do mundo a usar computação gráfica para fazer tubos, bolas e me admiro. Como vou fazer meu filho jogar bola, soltar pipa se ele tem isso aqui (levanta o celular)? Só que isso aqui vem junto com uma coisa que se chama 'não consegue largar'.

Goiás Industrial – ***Você acha que é muito complicado conciliar todas essas coisas?***

Donner – Muito, por mais maravilhosa que seja, o que isso está fazendo com a humanidade... Eu não sei o que vai ser daqui a cinco anos.

"VIVO O MUNDO DE BELEZA, VIVO O MUNDO DE DESIGN, ONDE É PRECISO TER A MAIOR PACIÊNCIA PARA QUE A TECNOLOGIA POSSA ALCANÇAR MEU DESIGN. NÃO SEI O QUE VAI SER AMANHÃ"

Goiás Industrial - ***Na área do empreendedorismo, no entanto, a tecnologia pode ter participação relevante? Como ela pode contribuir para o crescimento dos negócios?***

Donner - Sem dúvida, com a tecnologia veio tudo. Não veio só entretenimento. Veio tudo, desde sistemas que permitem atender à necessidade de proteger e estimular as plantações em tempo real. Mas não sou o cara que consegue dar essas respostas. Não vivo esse mundo. Vivo o mundo de beleza, vivo o mundo do design, onde é preciso ter a maior paciência para que a tecnologia possa alcançar meu design. Não sei o que vai ser amanhã.

Goiás Industrial - ***Você tem um caminho vislumbrado?***

Donner - Meus projetos estão no caminho de tocar 7,0 bilhões de pessoas. Desenvolvi coisas que tocaram 100 milhões de pessoas todos os dias. O projeto que está por vir, e que pode vir a ter com Goiás, está vindo numa dimensão assustadora para mim. Mas sempre precisei e preciso de pessoas que me digam 'Hans, pegue o avião e vá para o Japão. O cara da Sony inventou uma máquina que em tempo real permite que você estique o nariz das pessoas (na tela)', como fizemos com o Chico Anísio. Ou então alguém que me diga 'vá para Silicon Valley' (Califórnia, Estados Unidos) porque lá tem um grupo de três, quatro garotos que fizeram a Pacific Data Images, a empresa que virou a DreamWorks Animation, que eram amigos do pessoal da Pixar. Estávamos sentados num lugar muito parecido com este aqui e a Pixar estava decidindo se ia ou não para o cinema. E não iria se não tivesse o cara mais visionário dos últimos tempos, Steve Jobs. Ele colocou US$ 10,0 milhões nas mãos dos meninos e a Pixar virou o mundo do cinema de cabeça para baixo e quase comprou a Disney. Sempre são pessoas visionárias ou que veem, enxergam que isso pode ter a ver com alguém da área de tecnologia, ou alguém da área de produção têxtil. Eu sou mero instrumento. Tenho um arsenal de coisas que transforma vidas.

"MEUS PROJETOS ESTÃO NO CAMINHO DE TOCAR 7,0 BILHÕES DE PESSOAS. DESENVOLVI COISAS QUE TOCARAM 100 MILHÕES DE PESSOAS TODOS OS DIAS. O PROJETO QUE ESTÁ POR VIR, E QUE PODE VIR A TER COM GOIÁS, ESTÁ VINDO NUMA DIMENSÃO ASSUSTADORA PARA MIM"

Goiás Industrial - ***O que é exatamente o design do novo tempo?***

Donner - O design do novo tempo é a missão na mão e na cabeça de um homem que achou que já tinha realizado tudo o que tinha que fazer na vida, porque jamais um designer, por mais de três décadas, tocou 100 milhões de pessoas. Minha audiência é inimaginável. Você era um de, por alto, 486 milhões de pessoas que viram. Mas era muito mais, porque meu trabalho ia ao ar todos os dias e todos os dias as pessoas viam, por exemplo, uma mulher saindo de dentro de uma banana ou da água. A pessoa tem um impacto diferente, nada na vida é sempre igual e a cada momento em que você vê alguma coisa você enxerga diferente. Esses para mim eram os degraus para ser chamado para uma missão de embelezar não só a telinha da televisão, que cada vez mais está sendo menos vista. Falamos da missão de realmente carregar uma cruz de luz e esperar a tecnologia vir me ajudar a espalhar. Estava em Paris, em 1986, e por circunstâncias do tempo não passar e você querer usar seu tempo para fazer coisas, porque nasci para fazer coisas, mas não tinha outra coisa a fazer em Paris do que procurar algo para fazer e o tempo não passava, decidi desenhar o tempo. Esse é o design do tempo (mostra o protótipo do relógio que desenhou então), inspirado no meio de acompanhar a vida das pessoas com beleza, porque tudo o que o homem inventou de marcadores de tempo não tem beleza. Digital é bomba relógio. E os ponteiros do relógio podem ser de ouro, de platina ou do que for, mas não têm beleza.

Goiás Industrial - ***Essa é a missão?***

Donner - Dei uma versão muito rápida para você entender porque eu tenho que seguir essa missão, porque a humanidade precisa ser alertada para a beleza e se essa beleza faz parte do tempo, é a melhor coisa onde ela pode entrar. Você não precisa sentar à frente da televisão. Eliminei a primeira e a última letra do meu nome e transformei o visual do tempo, fazendo o design do tempo virar único (o designer transformou Donner na marca Onne, com os dois 'enes' sobrepostos). As imagens no relógio mostram o universo, nossa Terra, noite, dia, meio-dia, hora certa. O design estava em minha cabeça desde 1986 e hoje temos o primeiro, o protótipo do novo relógio (produzido em parceria com fabricante chinês). Mas no meio disso tudo criei coisas gigantescas em Cingapura, em Doha, no Catar, em Brasília, no Rio de Janeiro e quem sabe em breve aqui, em Goiás. Está tudo escrito e pode ter certeza que alguma coisa grande vai acontecer.◆

"MEU NOME É ARIEL!"

Instituto alia tecnologia de ponta aos seus serviços para oferecer a empresas um funcionário virtual, com menor custo, maior velocidade nos processos e nível mínimo de erros

Sérgio Lessa
Fotos: Alex Malheiros

Kimberly de Farias, assistente de estágio do IEL, e ARIEL: "No início, tive de entender como ele trabalha e ele teve de 'entender' como eu trabalho"

O futuro já está presente. Que profissional nunca sonhou em ter um robô que fizesse seu trabalho enquanto sobra tempo para pensar, ter ideias e resolver problemas? Pois isso se tornou realidade e é o mais novo produto do Instituto Euvaldo Lodi (IEL Goiás), referência em transformação pela inovação, em parceria com a Drasi Inteligência de Negócios. Com base na tecnologia RPA (Robotic Process Automation), sigla em inglês para definir automação de processos de negócios, o instituto desenvolveu um funcionário virtual, que presta serviços na área de processos. Seu nome é ARIEL (Assistente Robotizado do IEL).

Os processos autônomos não são novidade nas linhas de produção das indústrias mundo afora. Entretanto, os robôs já chegaram aos escritórios e estão "sentados" na frente dos computadores para desempenhar atividades repetitivas e sequenciais com maior velocidade e assertividade do que os seres humanos.

"Nosso grande diferencial é que essa tecnologia será ofertada pelo IEL como serviço. É uma locação de mão de obra. O cliente pode alugar os serviços do ARIEL e, à medida que a empresa quiser, pode até contratá-lo", explica o superintendente do IEL, Humberto Oliveira.

"Prestamos consultoria para conhecer as necessidades do cliente e, em seguida, ▶

padronizamos os processos e treinamos o ARIEL de acordo com a demanda da empresa. Seremos uma espécie de prestador de serviço de negócio", completa.

Na prática, o robô é programado para realizar atividades processuais da empresa de acordo com sua necessidade – verificação de notas fiscais recebidas, emissão de contratos, etc. A tecnologia já roda internamente no próprio IEL, na área de Desenvolvimento Profissional, viabilizando a assinatura eletrônica de documentos para processo de efetivação de Termo de Compromisso de Estágio (TCE).

"Aqui no IEL, o robô ajuda a diminuir falhas no processo, faz verificação de validade do email, checa dados das partes envolvidas (empresa, estagiário, instituição de ensino e IEL), além de criar, enviar, monitorar os documentos e alertar quem não os assinou", detalha Joel Inácio, gerente de Tecnologia da Informação. Todo o processo de abertura e fechamento de arquivos e programas é exibido no monitor do computador, como se uma pessoa estivesse sentada em frente, operando. As principais vantagens são a redução drástica de tempo de execução de tarefas, eliminação de erros e baixo custo do trabalho do ARIEL se comparado a um funcionário humano.

Segundo Joel Inácio, em apenas 30 dias trabalhando, o ARIEL aperfeiçoou o desempenho do setor de processos do estágio, registrando índice de 63% e estimativa para o próximo mês de aumento ainda maior. Houve redução de 20% de retrabalho da equipe, liberando 192 horas/mês de trabalho do time, composto por cinco colaboradores. "Uma grande vantagem dessa tecnologia é que não há necessidade de mudanças profundas no sistema da empresa, sendo acessível e de rápida implementação. O software é adaptado à realidade da empresa", explica o gerente de TI do IEL, que comemora os resultados iniciais do projeto. "Estamos muito satisfeitos com o desempenho do ARIEL e acreditamos que obteremos resultados muito mais expressivos nos próximos meses."

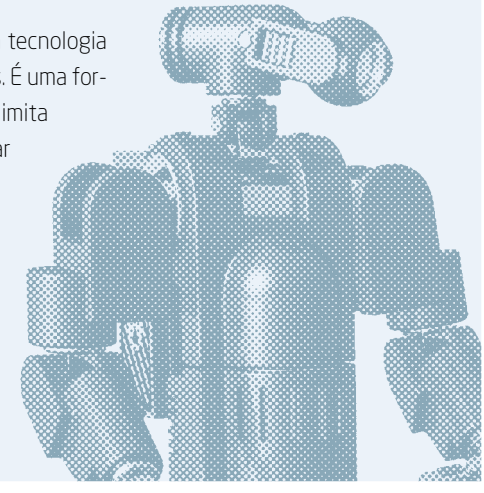
Humberto Oliveira, superintendente do IEL, apresenta o novo produto durante reunião de diretoria da Fieg: "locação de mão de obra"

Responsável pela implantação do RPA no IEL, Sérgio Calura, consultor e especialista em Gestão, Tecnologia e Inovação da Drasi, afirma que, muito mais que robotizar processo em uma empresa, a automação de processos abre a possibilidade de transformação digital dos negócios, utilizando a tecnologia para obter um processo de crescimento muito mais acelerado que no modelo atual. "Além de aumentar a produtividade, as empresas terão mais segurança nas informações e na forma como os processos estão sendo executados, de 5 a 20 vezes mais rápida, alta produtividade e entrega de valor diferenciada", avalia.

O QUE É RPA?

Robotic Process Automation é uma tecnologia para automatizar processos de negócios. É uma força de trabalho de robôs (software) que imita o comportamento humano para realizar tarefas rotineiras e de grande volume de uma organização.

Atualmente, segundo a Federação Brasileira de Bancos (Febraban), o RPA está entre as cinco principais tecnologias mais utilizadas pelas instituições em 2019.



Joel Inácio, gerente de Tecnologia da Informação do IEL: resultados positivos e expectativa

Sérgio Calura, consultor da Drasi Inteligência de Negócios: "Empresas terão mais segurança nas informações e na forma como os processos estão sendo executados, de 5 a 20 vezes mais rápida, alta produtividade e entrega de valor diferenciada"

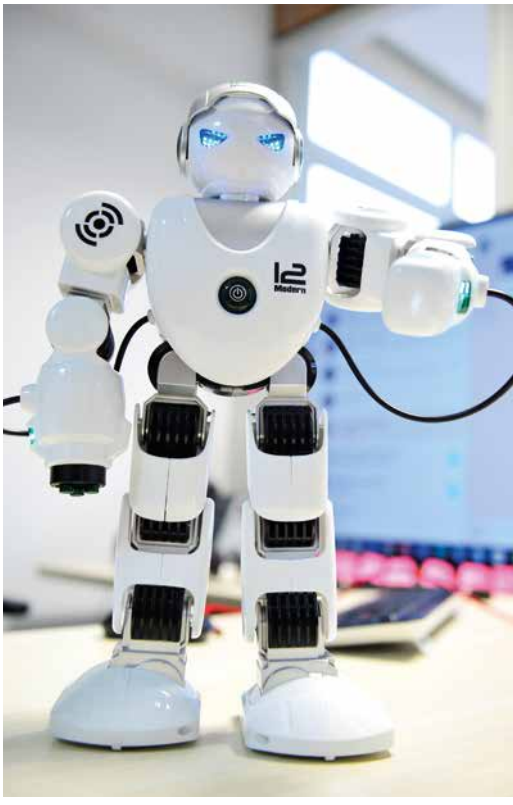
Os robôs contribuirão para o desemprego?

Muito se discute sobre a substituição de seres humanos por robôs, a diminuição de postos de trabalho e até a extinção de funções, como uma espécie de efeito colateral do avanço tecnológico. Mas não é isso que o IEL Goiás propõe com a automatização de processos.

Após a implantação do ARIEL na área de estágio, os colaboradores que antes faziam o trabalho hoje executado pelo robô passaram a ser aproveitados em processos mais complexos. "O ARIEL faz o trabalho repetitivo que eu fazia antes. Nas primeiras semanas, tive mais trabalho, pois foi necessário fazer alguns ajustes, tanto no robô quanto no computador. No início, tive de entender como ele trabalha e ele teve de 'entender' como eu trabalho", explica a assistente de estágio do IEL, Kimberly de Farias. "O robô consegue fazer cerca de 80% do trabalho e eu não preciso mais me dedicar integralmente à atividade. Enquanto ele faz a primeira parte das tarefas, me dedico a outras atividades", acrescenta.

Nenhum colaborador foi desligado do IEL em função da "contratação" do robô. A experiência foi tão positiva que o intuito é implantar o RPA em todas as atividades repetitivas que são executadas na área de estágio – cerca de 50% da operação –, sem abrir mão de colaboradores.

"Nossa consultoria aponta a forma mais eficaz de utilizar o ARIEL. Isso não significa demitir colaboradores, mas aproveitar seu potencial intelectual ao eliminar processos mecânicos, que tomam um tempo que poderia ser mais bem aproveitado pelo colaborador na empresa", avalia Tarciana Nascimento, gerente de Desenvolvimento Profissional. "Estamos potencializando as habilidades e competências dos colaboradores para atividades estratégicas e de relacionamento, construindo um modelo que permita soluções rápidas, práticas e sem burocracia sempre com foco no cliente." ◆



ARIEL: robô faz 80% das tarefas repetitivas, o que possibilita aos colaboradores focar em trabalhos mais complexos

PRODUÇÃO ENXUTA MAS COM SABOR

Após seis meses de consultoria do Senai, fabricante de formas para doces consegue aumentar em 13% seu índice de produção e reduzir tempo de entrega do pedido ao cliente

Andelaide Lima
Fotos: Alex Malheiros

Gabriel Moreira, gerente industrial da Decora Doces: redução do lead time de três para um dia

Com apenas seis anos de fundação, a Decora Doces, especialista em fabricação de formas decorativas para doces, cresceu rapidamente no mercado nacional, expandiu seu mix de produtos e passou a exportar para Europa, Estados Unidos e Emirados Árabes. O aumento da demanda trouxe algumas dificuldades para atender ao grande volume de pedidos com a estrutura existente na linha de produção.

Diante desse cenário, a empresa buscou apoio do Instituto Senai de Tecnologia em Automação para identificar os gargalos e melhorar o processo produtivo. Após o diagnóstico, foi implantada a metodologia *lean manufacturing* (produção enxuta) que visa à organização e melhor desempenho de toda a cadeia de produção por meio da criação de um fluxo contínuo e pela redução dos oito tipos de desperdícios. A consultoria foi realizada de junho a dezembro de 2018.

"O primeiro passo foi alterar o layout da fábrica para células de produção, antes em formato de linhas. A mudança aproximou os processos, não fica mais produto em espera, intermediário. Com isso, reduzimos de três para um dia o lead time – tempo entre o momento do pedido do cliente até a finalização do mesmo", explica o engenheiro Gabriel Moreira, que trabalhou como consultor na implantação do projeto e, logo depois, foi contratado para assumir o cargo de gerente industrial da empresa.

Além de aumentar a capacidade produtiva da Decora Doces, a consultoria otimizou o ambiente da fábrica com as células de produção – composição em formato de dois L, que ocupa menos espaço e abriga mais pessoas. Também foi implantada a ferramenta Kanban, sistema de sinalização para controlar o fluxo de produção. "Colocamos placas de leds que mostram os indicadores de produção de cada célula, facilitando a gestão visual do processo. Com meta de 726 caixas/dia por célula (número flutuante, baseado na quantidade de colaboradores presentes), a equipe que supera esse número recebe uma bonificação salarial", ressalta o gerente industrial.

Coordenador de Consultoria do IST Automação, Edson Manica destaca que foram implementadas outras ações na empresa, como o programa 5S, de gestão da qualidade, e o treinamento de colaboradores no método Kaizen. "O objetivo é capacitar os funcionários para promover a melhoria contínua nos processos de produção, mesmo após o término da consultoria", diz.

Para Carlos Ferreira, um dos sócios-fundadores, o investimento realizado na empresa valeu a pena e trouxe bons resultados. "Somos empreendedores de cabeça aberta, não nos opomos a mudanças. A consultoria provou que o sistema que tínhamos implantado na fábrica, em linhas de produção, era lento. Hoje produzimos mais em um espaço mais enxuto, com menos tempo de entrega", comemora.

Responsável pela criação da Decora Doces, empresa genuinamente goiana, Sejana Ferreira lembra as dificuldades que enfrentou quando iniciou o negócio. "Começamos com três pessoas, eu e mais duas funcionárias. Não tínhamos capital de giro, tivemos de recorrer a empréstimos, porém não perdemos o foco na qualidade do produto. Nunca paramos de expandir, mesmo em tempos de crise crescemos 112% ano passado. Consolidamos nossa marca e o Senai chegou para agregar mais valor ainda ao empreendimento, organizando nosso processo produtivo. Somos gratos a tudo que os profissionais da instituição nos proporcionaram", reconhece. ◆

A PUJANÇA DO AGRONEGÓCIO NA VITRINE

Com parceria da Fieg, Agrishow 2019, uma das maiores feiras do mundo e referência tecnológica, embala momento de expectativas do agronegócio brasileiro

Sede da Agrishow 2019, em Ribeirão Preto (SP): mais de 800 marcas expositoras nacionais e internacionais e cerca de 150 mil visitantes qualificados do Brasil e do exterior em 440 mil m2 de área.

A comercialização de máquinas e implementos agrícolas deve alcançar crescimento de 10,9% em 2019, segundo levantamento da Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos (Abimaq). Essa tendência de um novo aumento nas vendas do segmento retrata a pujança do agronegócio brasileiro e a boa capitalização dos produtores rurais e agricultores.

Nesse cenário, no qual a indústria de máquinas e implementos agrícolas tem registrado significativos índices de crescimento, será realizada a Agrishow 2019 – 26ª Feira Internacional de Tecnologia Agrícola em Ação, entre 29 de abril e 3 de maio, em Ribeirão Preto, interior de São Paulo.

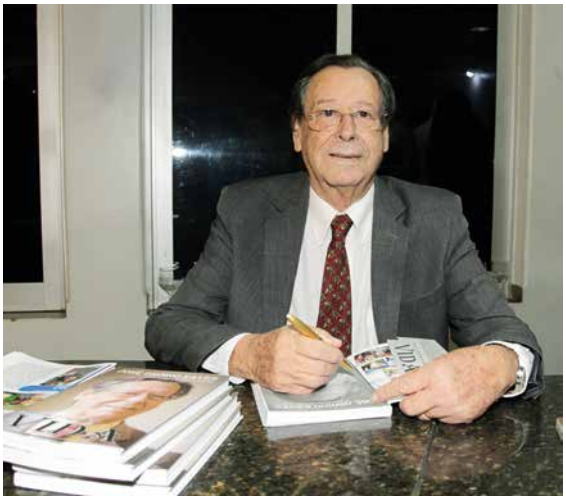
Com parceria da Fieg, o evento deverá contribuir fortemente para a tomada de decisão dos usuários de máquinas e implementos agrícolas, já que é um dos maiores do mundo e referência tecnológica para os mais variados setores do agronegócio. "Ela oferece tudo o que o produtor rural necessita ao seu negócio, sendo, portanto, a principal vitrine de lançamentos e palco das tendências e tecnologias do agronegócio, responsáveis pelo expressivo aumento de produtividade alcançado pelo campo", afirma João Marchesan, presidente da Abimaq.

A Agrishow 2019 deve contar com a participação de mais de 800 marcas expositoras nacionais e internacionais e reunir mais de 150 mil visitantes qualificados, do Brasil e do exterior, em 520 mil m² de área. "Essa nova edição acontece em um momento de grandes expectativas em relação ao desenvolvimento nacional e a esperança de um Brasil melhor. Todos sabem que, no Brasil, a agricultura e pecuária dominam a produção de equipamentos agrícolas em ambiente tropical. Assim, os visitantes podem esperar a apresentação do que há de mais avançado em termos de tecnologia no segmento", destaca Marchesan, adiantando que a feira contará com grandes e importantes lançamentos, que acompanham as tendências da Agricultura 4.0.◆

Mais informações *pelo site* ***www.agrishow.com.br***

AUTÓGRAFO - *Na Casa da Indústria, sede da Fieg, o jornalista José Osório Naves lança o livro de crônicas* O que vi e vivi no fluir de uma vida *e recebe homenagem por seus 60 anos de dedicação à atividade profissional. Um dos criadores do curso de Jornalismo da UFG, em 1966, ele presidiu, por três mandatos consecutivos (1965-1974), o Sindicato dos Jornalistas Profissionais no Estado de Goiás. Na sessão de autógrafos, com Jalles Fontoura, René Pompeu de Pina, Vilmar Rocha, José Evaristo; Dehovan Lima, Paulo Vargas, diretor regional do Senai, Jales e Regina Naves, irmãos do autor.*

Sabbá Nogueira



Unique by Karitha

SAÚDE - *As empresárias Adriana Ruscitti e Daniella Póvoa inauguraram dia 26 de março, na Vila Brasília, em Goiânia, a terceira unidade da Medic Pharma, que concentrará quase toda a produção da farmácia de manipulação, aberta há 14 anos, com sedes também no Setor Garavelo e no Centro de Aparecida de Goiânia. Além de cosméticos, o portfólio inclui gomas de colágeno e chocolates. "Os diferenciais são equipamento e matéria-prima", destaca Daniela.*

MODA FITNESS - *Genuinamente goiana, a Dao Fitness, de Dauglacy Calixto, está exportando para a Europa sua activewear Deluxe. Poucas marcas do Brasil foram escolhidas pela rede Pushrio, sediada em Londres. Trata-se da plataforma de Carolina Costa, de Brasília, que mora no Reino Unido há anos e capta grifes que primam por design e estamparia de peças exclusivas, como a exibida pela modelo internacional Carla Pimentel* (foto).

Cameron Wilson

FLORESTA - *Floresta de bolso e reflorestamento são alguns conceitos seguidos pela construtora goiana Cinq. Mostras disso são seus empreendimentos Parqville Pinheiros e Parqville Jacarandá, condomínios em Aparecida de Goiânia, onde a empresa promove o plantio de árvores de várias espécies para recuperar e preservar a vegetação e nascentes da Serra das Areias. Eduardo Oliveira, engenheiro civil e os sócios José Humberto Carvalho e Paulo Henrique Ribeiro investem no aumento da densidade, com utilização de espécies nativas do Cerrado, como ipê branco, jacarandá e jatobá do cerrado.*

Cristina Dourado

LINGUIÇAS CÂRNATI - *Ao terem contato com tempero, sabores variados e modo de produção artesanal que são diferenciais na linguiça romena, Jéssica Tacassi, Cláudio Rodrigues, Fausto Ramos e Érico Meirelles decidiram montar sua indústria alimentícia no Jardim América, em Goiânia. Com o nome Cârnati (linguiça na língua romena), o empreendimento completa dois anos e destaca-se com os 12 sabores oferecidos, que vão de cordeiro a frango com bacon e queijo coalho a pequi com milho e cebolinha. Outras versões são a cuiabana com fraldinha e queijo e a de jiló.*

Núcleo IPÊ

DECORAÇÃO - *Lançada dia 10 de abril, a Mostra Estar, idealizada pela designer Sheila Marçal no dia a dia de sua fábrica de cortinas, Via Doro, em Goiânia, será aberta dia 19 de agosto, em uma mansão no Setor Marista, com o tema Brasil-Portugal. "Queremos que o visitante tenha experiências sensoriais ao visitar os 30 ambientes de interiores", explica. Estudantes da PUC-GO, Cambury, Unip e Araguaia e estagiários de arquitetura, design e afins poderão participar de um concurso, já lançado, para concorrer à chance de fazer seu ambiente sem custo na mostra.*

Rebeca Alves

ODORATA - *Luna Pimentel cresceu no mercado com sua indústria de produtos de beleza Odorata, em Aparecida de Goiânia, por investir em tecnologia e personalização para as mulheres. Em maio, além do lançamento novo perfume Aimêe, a empresária (na foto, com a filha Sophia) viajará para a China, onde fará um tour por indústrias de embalagens. "A ideia é trazer novidades para nosso público-alvo, mulheres que não abrem mão de se sentirem únicas com produtos carregados de exclusividade", explica Luna.*

INOVAÇÃO - *Único da cidade com oito halls temáticos a cada quatro andares, além das áreas de lazer do 2º e 38º pavimento (terraço), o lançamento ID Vida Urbana é motivo de orgulho de Arthur Rassi (FR Engenharia). O projeto arquitetônico é de Alexandre Leite e o estrutural da torre única, de 125 metros, leva a assinatura do engenheiro civil Osires Pimentel, que traz na bagagem trabalhos como o Orion, edifício goiano mais alto do Brasil.*

TOMATE - *No Festival Fogo de Chão, que vai movimentar Pirenópolis em abril, com assados gourmet e rock, uma vedete será o molho de tomate da marca Cherry Foods. O engenheiro químico goiano Diogo Marques de Abreu Sá, de 32 anos, fabrica molho, passata e antepasto em sua indústria anexa à plantação dele, em Brazabrantes. Ele antecipa que, em julho, vai comemorar um ano de seu empreendimento, que já tem mais de 40 pontos de venda, aproveitando a colheita de uva de sua primeira plantação e para lançar novos produtos.*

Milene Ribeiro Brandão

Denise Monteiro de Faria, consultora do Siaeg: "Trata-se de uma certificação de compliance que atesta o cumprimento das boas práticas de fabricação"

ALIMENTO CONFIÁVEL // SIAEG

Saudável e de boa qualidade

Programa projetado e liderado pelo Siaeg certifica indústrias do setor de alimentação e estimula a internacionalização dos produtos

O Programa Alimento Confiável, uma iniciativa do Sindicato das Indústrias da Alimentação no Estado de Goiás (Siaeg), já certificou uma dúzia de indústrias goianas e planeja a distribuição do selo para mais empresas neste ano, preparando-as, dessa forma, para enfrentar a concorrência doméstica e ainda disputar espaços no mercado internacional. A proposta, resume a consultora técnica do sindicato, Denise Monteiro de Faria, é estimular a cultura da qualidade para o segmento da alimentação. "Trata-se de uma certificação de compliance que atesta o cumprimento das boas práticas de fabricação e possibilita a divulgação do atendimento da legislação sanitária nos rótulos dos alimentos das indústrias goianas", acrescenta.

Até o momento, prossegue Denise, as empresas certificadas relacionam, como reflexo direto da certificação, a abertura de novos mercados, a melhoria de processos e o maior engajamento da equipe operacional, entre outros ganhos. O programa, acompanhado diretamente pela equipe técnica do Siaeg, atesta a qualidade dos alimentos industrializados, já que a certificação tem como base o cumprimento de regras instituídas pela legislação sanitária para o setor. Assim, cabe às empresas

seguir estritamente critérios da legislação aplicada à indústria de alimentos, observar a qualidade e segurança das instalações e dos equipamentos, embalagens e a rotulagem dos produtos, além de adotar padrões de higienização e de produção.

Segundo Denise, persistem algumas lacunas que mereceriam ainda serem exploradas, relacionadas à "conscientização dos empresários sobre melhorias da garantia de qualidade, pois atender aos requisitos para garantir o produto intencional gera otimização dos processos nas etapas de produção, aumenta a satisfação do cliente, bem como melhora a segurança para o consumidor e para o empresário". Outro ponto observado pela consultora, igualmente merecedor de atenção, é a abertura de mercados externos. Conforme ela, "há um potencial enorme no Estado, que é celeiro do mundo, mas para isso precisamos quebrar barreiras técnicas comerciais, num processo em que as certificações podem contribuir muito".

Para as empresas interessadas em participar, a adesão ao programa é voluntária e aberta a praticamente todos os segmentos da indústria de alimentação. A ficha cadastral pode ser baixada diretamente do site do projeto **(http://alimentoconfiavel.com.br)**.

Na prática, as indústrias que se cadastram no projeto passam por um processo de certificação com, basicamente, três etapas, compreendendo autoavaliação e auditorias conforme legislação sanitária; garantia da qualidade por meio da análise laboratorial dos produtos; e diagnóstico conforme a ISO 22000 e FSSC (Food Safety System Certification).

O programa, projetado e liderado pelo Siaeg, envolveu parcerias com a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Universidade de Campinas (Unicamp), as agências de vigilância sanitária estadual e municipal, Sebrae Goiás, Secretaria Estadual de Desenvolvimento (SED) e ICQ Brasil. A evolução da indústria é acompanhada por três anos.

AS EMPRESAS CERTIFICADAS

Empresas	Validade do certificado
Vovó Nice	**15/10/2019**
Grupo Rei do Milho	**15/10/2019**
GSA Alimentos	**15/10/2019**
Fast Açaí	**06/12/2019**
Empadão Goiano	**20/01/2019**
Febela Agroindustrial Ltda.	**19/04/2019**
Comercial de Alimentos Nero Eirelli	**10/05/2019**
Kamute Indústria de Alimentos	**25/06/2019**
Paixão Alimentos Ltda.	**15/10/2019**
BRMill Alimentos	**15/10/2019**
Mariza Águas Minerais Ltda.	**15/10/2019**
Ouro Verde Alimentos	**06/12/2019**

Derivados de milho com certificação

A BRMill Alimentos, indústria goiana instalada em Silvânia, espera elevar a participação das exportações nas vendas totais de 14% para 25% até o final deste ano, embora tenda a manter os mesmos volumes produzidos em 2017, de acordo com o diretor administrativo e proprietário Rubens Tonon Filho.

A empresa está presente hoje em 20 países, principalmente na América Central e na Europa. Há cinco anos no mercado, a BRMil tem capacidade para produzir entre 35 mil e 40 mil toneladas de ingredientes industriais derivados de milho destinados à nutrição animal e à alimentação humana e foi uma das empresas certificadas em 2018 pelo Programa Alimento Confiável do Siaeg.

Seus planos consideram a perspectiva de incrementar a política de certificações ao longo deste ano, buscando maior reconhecimento internacional com a ajuda do sindicato, ▶

BRMill, do empresário Rubens Tonon Filho: capacidade para processar de 35 mil a 40 mil toneladas por ano

conforme Tonon. Uma das metas é alcançar certificação com base no FSSC 22000 ou Food Safety System Certification (Certificação de Sistema de Segurança de Alimentos), uma das mais relevantes na indústria mundial do setor. "Já temos um orçamento definido para isso e estamos em fase de definição da empresa certificadora e de auditoria", afirma. O empresário espera concluir todo o processo até dezembro.

Segundo ele, a empresa já dispunha de um sistema de controle da qualidade dos alimentos, mas tomou a decisão de seguir passo a passo todo o processo de certificação oferecido pelo sindicato. Assim, acrescenta, o selo Alimento Confiável, conferido pelo Siaeg, produziu efeitos mais visíveis internamente, ao permitir aprimorar e atualizar sistemas de controle de processos e da qualidade. "O selo igualmente nos deu maior segurança sobre o que já vínhamos fazendo nessa área, mostrando que estávamos na direção correta", comenta.

Em outubro do ano passado, a empresa participou da Sial Paris, uma das principais feiras internacionais do setor de alimentos e bebidas, realizada na capital francesa a cada dois anos. "Apresentamos o selo durante o evento e este chamou muita a atenção dos participantes. Acredito que a certificação valorizou a indústria goiana de alimentação", sugere Tonon.

O portfólio de produtos da BRMill inclui a produção de gérmen de milho, fubá, grits (utilizado na produção de salgadinhos à base de milho e também pela indústria cervejeira), canjica, canjiquinha e ainda creme de milho. A maior parte do suprimento de matéria-prima (milho em grão) é fornecida pela lavoura explorada pela própria empresa na região de Silvânia, onde produz milho livre de organismos geneticamente modificados.

Fast Açaí quer estar entre as cinco maiores

Classificada pela Associação Brasileira de Franchising (ABF) como a quarta maior franquia do Centro-Oeste, considerando-se exclusivamente suas operações na região, à frente da rede McDonald's, a Fast Açaí tem planos mais ambiciosos. Além de reforçar sua presença internacional nos próximos anos, a empresa goiana pretende estar entre as cinco maiores franquias do País, de acordo com Frederico Soares Junqueira, diretor comercial e de marketing da empresa, que processa açaí e cupuaçu em sua indústria em Aparecia de Goiânia.

Conforme Junqueira, a empresa conseguiu a primeira certificação pelo Siaeg ainda em 2017, teve o selo renovado em 2018 e busca mais uma renovação neste ano. "Sempre buscamos boas práticas de fabricação, primando pela qualidade de nosso produto e por critérios de produção superiores à média do mercado, visando à melhoria constante do produto, da qualidade, de processos e de nosso pessoal", sustenta ele. O selo contribui para que a empresa incremente seus esforços para preservar e aprimorar o modelo de boas práticas de produção, exigindo treinamento constante dos 120 funcionários na indústria. Além desses, a rede de franquias emprega 650 pessoas.

A fábrica de Aparecida de Goiânia processa diariamente em torno de 5,0 toneladas de açaí e 1,5 tonelada de cupuaçu, adquiridos de fornecedores selecionados do Pará. "Fazemos uma visita técnica anual para homologar fornecedores. Os produtos são testados regularmente em nosso laboratório próprio, em Aparecida, onde temos imobilizado R$ 250 mil apenas em maquinário", detalha Junqueira. Os testes destinam-se a definir se o produto entregue pelos fornecedores corresponde ao que foi contratado, verificando ausência de microrganismos, textura, cor, aroma e qualidade da matéria-prima, assim como dos produtos finais.

Fast Açaí

Loja da Fast Açaí no shopping Mega Moda, em Goiânia: empresa tem planos de abrir mais 50 lojas no País, 3 em Miami e mais 1 na Cidade do Cabo

Rosângela Gomes da Silva: "A certificação veio para reforçar a cultura interna de qualidade segundo as normas preconizadas pela Anvisa, que busca a produção de alimentos seguros"

O processamento do açaí, prossegue Junqueira, toma como base um "segredo industrial" preservado a todo custo pela empresa, que também produz o xarope de guaraná a ser misturado ao creme de açaí. Com um diferencial em relação ao mercado, afirma ainda o empresário: o xarope é livre de conservantes e corantes químicos.

Criada em 2012, a empresa passou a explorar o sistema de franquias praticamente no ano seguinte e já registra 200 lojas espalhadas por 16 Estados, incluindo Goiás, São Paulo, Santa Catarina, Bahia, Mato Grosso, Maranhão, Tocantins, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, além do Distrito Federal.

Na área externa, embora as exportações ainda respondam por uma parcela muito reduzida do negócio, os planos incluem a abertura, ainda em abril, de três lojas em Miami. A Fast Açaí já conta com quatro unidades em Luanda e pretende inaugurar sua primeira loja na Cidade do Cabo, na África do Sul. A empresa mantém negociações para estender sua rede de franquiados para Lisboa, Londres e Assunção. "Planejamos, em quatro ou cinco anos, exportar pelo menos dois contêineres por mês. A ideia é que a exportação passe a responder por 20% de nossa produção", adianta Junqueira.

O planejamento estratégico desenvolvido para 2019 prevê a abertura de mais 50 lojas, ampliando a rede de franquias em 25% diante do número de unidades registradas no final de 2018. E inclui ainda projeção de crescimento superior a 30% no mercado interno. Os números são bem superiores aos esperados pela ABF, que projeta incremento de 5% no número de lojas de toda rede de franquias no País e um aumento entre 8% e 10% para o faturamento do setor como um todo.

Terceira rodada de certificação

A GSA Alimentos também parte para a terceira rodada de certificação dentro do Programa Alimento Confiável. Segundo Rosângela Gomes da Silva, coordenadora de qualidade da empresa, instalada no Polo Empresarial Goiás, em Aparecida de Goiânia, o primeiro selo foi alcançado em 2017. Depois de laudos da auditoria e análise do desempenho e da aplicação de boas práticas de produção, a certificação foi confirmada em 2018.

"A certificação veio para reforçar a cultura interna de qualidade segundo as normas preconizadas pela Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária), que busca a produção de alimentos seguros, segundo critérios bem abrangentes, dentro do escopo da Resolução da Diretoria Colegiada nº 275", comenta Rosângela. A RDC 275 unificou e consolidou, desde 2002, as normas que constituem as Boas Práticas na Fabricação de Alimentos, padronizando processos, critérios de segurança e cuidados nas linhas de produção de forma a assegurar a qualidade sanitária e higiênica dos produtos, assim como sua conformidade com a legislação.

Nesse momento, ainda em fase de projeto, a GSA começa a se preparar para cumprir a próxima etapa, como se fosse uma terceira fase do processo de certificação organizado pelo Siaeg. A ideia é implementar normas e processos de segurança alimentar segundo critérios da ISO 22000, norma internacional que especifica os requisitos para um sistema de gestão de segurança de alimentos. A diferença é que agora trata-se de uma iniciativa da própria empresa, estimulada pelo programa do sindicato, em parceria com o Instituto Senai de Tecnologia de Alimentos.

Com qualquer coisa ao redor de 400 empregados, a GSA Alimentos é dona das marcas Sanditos (snaks), Dona Raiz (produtos naturais), Sandella (macarrão instantâneo, tempero em pó, tempero pronto, gelatina e achocolatado) Refreskant (refresco em pó), San Chips (batata frita) e Velly, além de Icebel, Yolle e toda a linha da Produtos Paulista.◆

SINDIQUÍMICA

MISSÃO EM PORTUGAL - Sob a liderança do Sindiquímica Goiás, empresários do setor de cosméticos de vários Estados visitaram a feira internacional Expocosmética, em Porto, Portugal, em busca de novos mercados para os produtos brasileiros. Organizada pelo Centro Internacional de Negócios da Fieg, a missão contou com parceria do Sebrae Goiás.

SINDIPÃO

COMPETITIVIDADE NA PANIFICAÇÃO - O Sindipão realizou, na Casa da Indústria, o workshop Qualidade, Produtividade e Inovação: as Chaves para Competitividade na Panificação, em parceria com Fieg e Sebrae Goiás. A ação buscou sensibilizar empresários do setor da Região Metropolitana de Goiânia para participar de projeto nesse sentido, no âmbito do Procompi, que tem apoio financeiro da CNI e do Sebrae Nacional e está com inscrições abertas até 30 de abril.

CTCOMEX

NOVAS FRONTEIRAS - Os presidentes da Fieg, Sandro Mabel, Emílio Bittar, do CTComex, e Plínio Viana, gerente do Centro Internacional de Negócios, participaram de encontro, no Palácio Pedro Ludovico, com o governador Ronaldo Caiado e representantes da província de Gansu (China). O objetivo foi discutir o fortalecimento de parcerias em setores estratégicos para Goiás – no caso da indústria, em mineração e produção de energia fotovoltáica, além de intercâmbio e cooperação no âmbito da educação vocacional e treinamento de pessoal. Na oportunidade, foi reafirmado protocolo de intenções assinado com o Estado em 2005.

MANIFESTO

EM DEFESA DO STF - A Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) uniu-se a entidades como Fiesp, Febraban, CNBB, CUT e Força Sindical como uma das 160 signatárias do manifesto lido na Tribuna do Supremo Tribunal Federal (STF), dia 3 de abril, em repúdio aos ataques sofridos pela Suprema Corte. No documento, as entidades afirmam que o STF é o garantidor maior dos direitos dos cidadãos, das liberdades de imprensa, de religião e de expressão, sem as quais não se constrói uma Nação, entendendo que reafirmar a importância do STF é defender a Constituição e as garantias nela contidas. "A democracia e a convivência solidária não permitem um retrocesso institucional", dizem, ao considerar serem inadmissíveis os discursos que pegam o ódio, a violência e a desarmonia na sociedade.

SIFAÇÚCAR/SIFAEG

BIOCOMBUSTÍVEIS - André Rocha, presidente do Fórum Nacional Sucroenergético e executivo do Sifaeg/Sifaçúcar, participou de reunião em Brasília *(foto)*, em março, com o líder do governo na Câmara dos Deputados, Major Vitor Hugo, e com o presidente da Frente Parlamentar de Valorização do Setor Sucroenergético, deputado federal Arnaldo Jardim. Em pauta, as demandas do setor e a implementação do RenovaBio, política que define uma estratégia conjunta para reconhecer o papel estratégico de todas as fontes de biocombustíveis.

ENCONTRO COM MOURÃO - Empresários goianos participaram, em março, de jantar com o vice-presidente da República, general Hamilton Mourão, em Brasília. No grupo, estavam os presidentes do Fórum Nacional Sucroenergético, André Rocha, e dos conselhos administrativos dos sindicatos de fabricação de etanol e açúcar de Goiás, Marcelo Barbosa, o diretor financeiro da Fieg e presidente do Sindifargo, Heribaldo Egídio; Otávio Lage Filho, presidente da Associação Pró-Desenvolvimento Industrial de Goiás (Adial), e Alberto Borges. Durante o evento, Rocha entregou a Mourão documento com as principais demandas do setor, especialmente no que se refere às relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos relativas a açúcar e etanol, considerando o encontro que o presidente Jair Bolsonaro teria na semana seguinte, em Washington, com o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump. Na foto, Otávio Lage Filho, Hamilton Mourão, André Rocha e Marcelo Barbosa.

SINDICALCE

FEIRA INTERNACIONAL - Elvis Roberson Pinto, presidente do Sindicalce, coordenou missão com 26 empresários do setor calçadista *(foto)* à edição deste ano da Feira Internacional de Couros, Produtos Químicos, Componentes, Equipamentos e Máquinas para Calçados e Curtumes (Fimec 2019), única no mundo a reunir toda a operação do setor coureiro-calçadista em um mesmo local, realizada em fevereiro na cidade de Novo Hamburgo (RS). A missão teve apoio da Fieg e do Sebrae Goiás, conforme Roberson. Segundo ele, "trata-se de evento de grande importância para o setor, tanto em inovação como em troca de conhecimento, informação e novos parceiros".

SINVEST

DELEGAÇÃO SÍRIA - O presidente do Sindicato das Indústrias de Vestuário do Estado de Goiás (Sinvest), José Divino Arruda, também diretor financeiro da Fieg, recebeu, na Casa da Indústria, no mês passado *(foto)*, representantes da Síria no Brasil e empresários de setores diversos da indústria goiana. Conforme Arruda, o governo sírio busca atrair empresas e investidores interessados em participar do esforço de reconstrução do país, devastado pela guerra. Participaram também do encontro o cônsul da Síria em Goiás, Jamal Yusuf, e o gestor de negócios Marcelo Fleury.

DESIGN E INOVAÇÃO - Empresários do setor calçadista já haviam participado antes, em São Paulo, da Inspiramais_I 2020, principal salão de design e inovação de componentes da América Latina. O grupo foi acompanhado dos presidentes do Sindicalce, Elvis Roberson Pinto *(foto)*, e do Sinvest, José Divino Arruda. O salão terá uma segunda edição entre 4 e 5 de junho, no Centro de Eventos Pró-Magno, na capital paulista.

Alex Malheiros

SINDIFARGO

CERTIFICADO DIGITAL - O setor farmacêutico passou a contar com o serviço de emissão digital do Certificado Internacional de Vacinação, resultado de uma parceria com o Ministério da Economia, lançado pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), durante início das comemorações de seus 20 anos, com participação do presidente executivo do Sindifargo, Marçal Henrique Soares. Segundo a Anvisa, o Brasil é o primeiro País a oferecer um serviço online e descentralizado de emissão desse certificado, exigido em mais de 100 países. Com base em metodologia utilizada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a estimativa de redução de custos para o Estado e principalmente para os cidadãos pode chegar a R$ 120 milhões por ano.

LOGÍSTICA REVERSA - A regulamentação da logística reversa dos medicamentos foi tema de reunião, em Brasília, com o ministro de Meio Ambiente, Ricardo Salles, com participação da Associação dos Laboratórios Farmacêuticos Nacionais. O setor pediu ao ministro a revisão da minuta do decreto que trata daquele tema, atualmente em processo de consulta pública, e ficou definido que as entidades apresentarão ao ministério dois estudos – um jurídico e outro técnico – realizados pela Ecoblending, sobre co-processamento de medicamentos. Marçal Henrique Soares representou o Sindifargo no encontro.

PRESIDÊNCIA - O presidente eleito do Sindifargo, Alexandre Baldy, também secretário estadual de Transportes Metropolitanos de São Paulo, reassumiu a presidência do sindicato, da qual havia se afastado do cargo para assumir o Ministério das Cidades no governo Temer. ◆

SINDICATOS COM SEDE NO EDIFÍCIO PEDRO ALVES DE OLIVEIRA

Rua 200, Quadra 67-C, Lote 1/5, nº 1.121 - Setor Vila Nova, em frente à Casa da Indústria - Goiânia-GO, CEP: 74645-230

SINPROCIMENTO
Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás
Presidente: *Olavo Martins Barros*
Fone: (62) 3224-0456/Fax 3224-0338
sinprocimento@gmail.com

SINDIREPA
Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás
Presidente: *Alyson Jose Nogueira*
Telefone (62) 3224-0121/ 3224-0012
sindirepa@sistemafieg.org.br

SINDIAREIA
Sindicato das Empresas de Extração de Areia do Estado de Goiás
Presidente: *Gilberto Martins da Costa*
Fone/Fax: (62) 3224-8688
sindiareia@sistemafieg.org.br

SINDCEL
Sindicato das Indústrias da Construção, Geração, Transmissão e Distribuição de Energia no Estado de Goiás
Presidente: *Célio Eustáquio de Moura*
Fone: (62) 3218-5686 / 3218-5696
sindcel@sindcel.com.br

SINDIALF
Sindicato das Indústrias de Alfaiataria e Confecção de Roupas para Homens no Estado de Goiás
Presidente: *Daniel Viana*

SIAEG
Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás
Presidente:
Antônio Benedito dos Santos
Diretora executiva: *Denise Resende*
Fone/Fax: (62) 3224-9226
siaeg@terra.com.br

SINDICALCE
Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás
Presidente: *Elvis Roberson Pinto*
Fone/Fax: (62) 3225-6402
sindicalce@sistemafieg.org.br

SINCAL
Sindicato das Indústrias de Calcário, Cal e Derivados no Estado de Goiás, Tocantins e DF
Presidente: *José Antônio Vitti*
Fone/Fax (62) 3223-6667
sininceg@sistemafieg.org.br

SINDICARNE
Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás e Tocantins
Presidente: *Leandro Luiz Stival Ferreira*
Fone/Fax: (62) 3229-1187 e 3212-1521
sindcarn@terra.com.br

SINDCURTUME
Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás
Presidente: *Emílio Carlos Bittar*
Fone/Fax: (62) 3213-4900
sindcurtume@sistemafieg.org.br

SINDIGESSO
Sindicato das Indústrias de Gesso, Decorações, Estuques e Ornatos do Estado de Goiás
Presidente: *José Luiz Martin Abuli*
Fone: (62) 3224-7443
sindigesso@sistemafieg.org.br

SINDILEITE
Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás
Presidente: *Alcides Augusto da Fonseca*
Fone (62) 3212-1135 / Fax 3212-8885
sinleite@terra.com.br

SIMPLAGO
Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás
Presidente: *Bruno Franco Beraldi Coelho*
Fone (62) 3224-5405
simplago@sistemafieg.org.br

SINDIPÃO
Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás
Presidente:
Marcos André Rodrigues de Siqueira
Presidente executivo:
Luiz Gonzaga de Almeida
Fone: (62) 98422-4022
sindipao@sistemafieg.org.br

SIMAGRAN
Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás
Presidente: *Eliton Rodrigues Fernandes*
Telefone: (62) 98436-1724
simagran@sistemafieg.org.br

SINCAFÉ
Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem de Café no Estado de Goiás
Presidente: *Jaques Jamil Silvério*
Fone (62) 3212-7473 - Fax 3212-5249
sincafe@sistemafieg.org.br

SINVEST
Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás
Presidente: *José Divino Arruda*
Fone/Fax: (62) 3225-8933
sinvest@sistemafieg.org.br

SINDIBRITA
Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras e Derivados do Estado de GO, TO e DF
Presidente: *Marcus Brandão de Lima e Silva*
Fone/Fax: (62) 3213-0778
sindibrita@sistemafieg.org.br

SIEEG-DF
Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e do Distrito Federal
Presidente: *Domingos Sávio G. Oliveira*
Fone: (62) 3212-6092 - Fax 3212-6092
sieeg@sistemafieg.org.br

SIGEGO
Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás
Presidente: *Antônio de Sousa Almeida*
Fone: (62) 3223-6515 - Fax 3223-1062
sigego@sistemafieg.org.br

SIMELGO
Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás
Presidente: *Hélio Naves*
simelgo@sistemafieg.org.br
Fone/Fax: (62) 3224-4462
contato@simelgo.org.br

SINDQUÍMICA-GO
Sindicato das Indústrias Químicas no Estado de Goiás
Presidente: *Jair José de Alcântara*
Fone (62) 3212-3794/Fax 3225-0074
sindquimica@sistemafieg.org.br

SINDMÓVEIS
Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás
Presidente:
Enoque Pimentel do Nascimento
Fone/Fax: (62) 3224-7296
sindmoveis@sistemafieg.org.br

SINDTRIGO
Sindicato dos Moinhos de Trigo da Região Centro-Oeste
Presidente: *Sérgio Scodro*
Presidente-Executivo:
André Lavor P. Barbosa
Fone: (62) 3223-9703
sindtrigo@gmail.com

OUTROS ENDEREÇOS

SIFAÇÚCAR
Sindicato da Indústria de Fabricação de Açúcar do Estado de Goiás
Presidente: *Marcelo de Freitas Barbosa*
Presidente-Executivo:
André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América
CEP 74290-130 - Goiânia - GO
Fone: (62) 3274-3133 / Fax (62) 3251-1045

SIMESGO
Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano
Presidente: *Heitor de Oliveira Nato Neto*
Rua Costa Gomes, nº 143 Jardim Marconal
CEP 75901-550 - Rio Verde - GO
Fone/Fax: (64) 3623-0591
simesgo1@hotmail.com

SINDUSCON-GO
Sindicato das Indústrias da Construção no Estado de Goiás
Presidente:
Eduardo Bilemjian Filho
Rua João de Abreu, 427 - St. Oeste
CEP 74120-110 - Goiânia- GO
Fone: (62) 3095-5155
contato@sinduscongoias.com.br

SINROUPAS
Sindicato das Indústrias de Confecções de Roupas em Geral de Goiânia
Presidente: *Edilson Borges de Sousa*
Rua 1.137, nº 87 - Setor Marista
CEP 74180-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax: (62) 3088-0877
sinroupas@yahoo.com.br

SIFAEG
Sindicato das Indústrias de Fabricação de Etanol no Estado de Goiás
Presidente: *Marcelo de Freitas Barbosa*
Presidente-Executivo:
André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América
CEP 74290-130 - Goiânia- GO
Fone (62) 3274-3133 e (62) 3251-1045
sifaeg@terra.com.br

SIAGO
Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás
Presidente:
Jerry Alexandre de Oliveira Paula
Rua T-45, nº 60 - Setor Bueno
CEP 74210-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax (62) 3251-3691
siagoarroz@hotmail.com

SEDE ANÁPOLIS

Edifício Capitão Waldyr O'Dwyer
Rua JM-16, Quadra 52, Lote 22, Setor Sul Jamil Miguel - Anápolis-GO - CEP 75124-200
Fone/Fax (62) 3324-5768 / 3311-5565
E-mail: fieg.regional@sistemafieg.org.br

FIEG REGIONAL ANÁPOLIS
Presidente: *Wilson de Oliveira*

SINDALIMENTOS
Sindicato das Indústrias da Alimentação de Anápolis
Presidente: *Wilson de Oliveira*
sindalimentos@sistemafieg.org.br

SINDUSCON ANÁPOLIS
Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis
Presidente: *Anastácios Apostolos Dagios*
www.sindusconanapolisgo.com.br

SINDICER-GO
Sindicato das Indústrias de Cerâmica no Estado de Goiás
Presidente: *Laerte Simão*
Presidente executivo: *Itair Nunes de Lima Jr.*
sindicergo@sistemafieg.org.br

SIVA
Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis
Presidente: *Jair Rizzi*
siva@sistemafieg.org.br

SINDIFARGO
Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás
Presidente: *Alexandre Baldy*
Presidente-Executivo:
Marçal Henrique Soares
sindifargo@sistemafieg.org.br

SIMMEA
Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis
Presidente: *Robson Peixoto Braga*
simmea@sistemafieg.org.br

Senhor empresário: A FIEG é integrada por 36 sindicatos da indústria, com sede em Goiânia, Anápolis e Rio Verde. Conheça a entidade representativa de seu setor produtivo. Participe. Você só tem a ganhar.

SESI

Viva+

MAIS INTELIGÊNCIA. MAIS SAÚDE. MAIS RESULTADOS.

CONTE COM UMA PLATAFORMA COMPLETA EM GESTÃO DE SST.

Problemas relacionados à Saúde e Segurança no Trabalho trazem muitas despesas para a indústria. Diante disso, o SESI criou uma plataforma digital para a gestão de programas e serviços voltados para a saúde e segurança na indústria: o **SESI Viva+.** É a solução completa para sua empresa reduzir gastos com despesas legais e aumentar o rendimento da equipe. Tudo isso de maneira totalmente integrada com as novas regras do **eSocial.**

Conheça o **SESI Viva+**. A plataforma de que sua empresa precisa para reduzir os custos e aumentar os resultados.

SAIBA MAIS EM:

sesivivamais.com.br

0800 0713010

(62) 3219-1335

FIEG

MANTIDA PELA INDÚSTRIA.

SESI

Iniciativa da CNI - Confederação Nacional da Indústria

SEU ANÚNCIO EM **LARGA ESCALA**

4 MIL
exemplares impressos

Milhares de visualizações on-line e compartilhamento em redes sociais.

ANUNCIE NA **GOIÁS INDUSTRIAL.**

Precisão cirúrgica na segmentação. Credibilidade máxima na comunicação.

INFORMAÇÕES **3219-1710**

Revista Goiás Industrial.
A fonte mais confiável de informação sobre a indústria.

Sistema FIEG
MANTIDO PELA INDÚSTRIA.

FIEG SESI SENAI IEL ICQ BRASIL
Sistema FIEG

MANTIDO PELA INDÚSTRIA.

Sistema FIEG - Federação das Indústrias do Estado de Goiás
Av. Araguaia, nº 1.544 - Edifício Albano Franco
Casa da Indústria - Setor Vila Nova - Goiânia-GO - CEP: 74645-070
Fone: (62) 3219-1300 / Fax: (62) 3229-2975
www.sistemafieg.org.br